

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		1 de 40									

MALKIN, I.

1987. Founders and their cults. In: *Religion and Colonization in Ancient Greece. Studies in Greek and Roman Religion, Vol. 3.* Leiden, Brill Archive: 204-240.

[tradução: Cibele E. V. Aldrovandi; revisão de Maria B. B. Florenzano; Labeca]

Capítulo VI

Neste capítulo, discutimos figuras históricas individuais que receberam um culto de fundador, seja como um fundador verdadeiro ou como o destinatário de uma honra excepcional, modelada a partir de um culto genuíno ao oikista. Em geral, não discutimos cultos de heróis fictícios, mitológicos ou epônimos. Esses cultos não ajudam a esclarecer os eventos históricos verdadeiros, embora eles possam auxiliar na compreensão das práticas religiosas tradicionais geralmente aceitas. Além do mais, a evidência que possuímos sobre esses cultos geralmente não vai muito além de uma mera menção sobre sua existência; a descrição de seus detalhes religiosos, quando disponível, pouco acrescenta. Indicamos ao leitor a obra de Farnell (1921: cap. XI-XII) e de Lampro (1873: 8-34). Esse último, em particular, algumas vezes exemplifica o perigo de se confundir fundadores históricos e fictícios. Além disso, geralmente não há indicação do quão antigos esses cultos de heróis epônimos devem ser datados. Suspeitamos que, na maioria, sejam tardios. Ábdera serve como um exemplo excelente: nós sabemos que os colonos de Teos estabeleceram um culto ao antigo oikista histórico de Clazomenes, Timésias. Mais tarde, entretanto, o culto do epônimo Abderos provavelmente obscureceu aquele do fundador histórico. Acreditamos que algo semelhante aconteceu em Tarento (ver as seções referentes).

O capítulo está organizado de acordo com os fundadores específicos das cidades. A parte sobre Bato, no entanto, nos leva a dois tópicos adicionais: (1) a tumba do oikista servia de um oráculo para o colono? (2) que evidência arqueológica está disponível sobre as tumbas dos oikista em geral e de Bato em particular?

Bato e Cirene

Provavelmente, a menção histórica explícita mais antiga de um oikista sepultado na ágora é a de Bato I, o fundador de Cirene. Os poucos versos em Píndaro, que já mencionamos em relação aos deveres religiosos do oikista e a construção dos precintos, também são importantes para o seu culto [Píticas, V, 93ss.]:

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		2 de 40									

(...) ἔνθα πρυμνοῖς ἀγορᾶς ἔπι δίχα κεῖται θανῶν.
 μάκαρ μὲν ἀνδρῶν μέτα
 ἔναιεν ἥρωος δ' ἔπειτα λαοσεβῆς.
 ἄτερθε δὲ πρὸ δωμαίων ἕτεροι λαχόντες αἶδαν
 βασιλέες ἱεροὶ
 ἔντι,

... então agora, em morte, ele repousa distante, na parte final da ágora. Abençoado foi ele, enquanto esteve entre os homens e, por conseguinte, um herói adorado pelo povo; e distante, antes das habitações, estão os outros reis sagrados cujo destino está no Hades.

A localização da tumba é mencionada na “parte final” da ágora, provavelmente em uma de suas entradas.¹ Como veremos, isso serve como um dos argumentos mais fortes para a identificação da tumba (abaixo). O culto é descrito como o de um herói, e é um culto continuado (ἔπειτα). O comentário de Aristófanes [Plut. 925] serve como uma corroboração: “os cirenaicos honram-no como o Arquegueta”.²

Parece claro que Píndaro quer dizer que os outros reis de Cirene, descendentes de Bato, também estão enterrados dentro da cidade, como uma honra excepcional. Isso também está implícito no comentário 124f. (Drachmann p.188) “distinto dos outros heróis” (δίκα τῶν ἄλλων ἡρώων) e comentário 126 “separado dos outros reis” (διακεχωρισμένος τῶν ἄλλων βασιλέων). No entanto, o comentário 129 contradiz isto:

πρὸ δωμαίων: ποίων δωμαίων; ἦτοι τοῦ ἥρωος Βάττου ἢ τῶν βασιλείων ἢ καὶ
 πρὸ τῶν τῆς πόλεως πυλῶν. καὶ τοῦτο δοκεῖ τῶν ἄλλων διαφέρειν ὁ Βάττος,
 ὅτι ὁ μὲν ἄκρα ἀγορᾶ τέθαπται, οἱ δὲ πρὸ τῆς πόλεως.

(Pind.) Antes das outras habitações. Que habitações? Ou aquela do herói Bato ou as dos outros reis, ou novamente, antes dos portões da cidade. E também nisso Bato parece ser diferente dos demais (i.e., reis), porque enquanto ele está enterrado nos limites da ágora, os outros estão enterrados na frente da cidade.

Isso é possível, mas não obrigatório. As outras possibilidades oferecidas pelo comentário na primeira linha sobre o significado de habitações dá à interpretação um caráter literário, ao invés de factual.

Levantamos essa questão porque pode ser argumentado que Cirene é um caso excepcional entre as colônias gregas devido à sua instituição da monarquia³

1 Cf. schol. 124f. (Drachmann p.188); 124g. e outros comentários (scholia) ad loc.

2 ... τιμῶντες οὖν αὐτὸν οἱ Κερηνᾶσιοι ὡς ἀρχηγέτην. Sobre o título, arquegueta, ver o Cap. VII.

3 A monarquia era uma exceção nas colônias. Para Aristophilides em Tarento e Pollis em Siracusa ver Drews (1983:36-40). Para sua visão sobre a basileia em Cirene: (1983: 121-128).

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		3 de 40									

e por essa razão pode não ser um exemplo característico de um culto ao oikista. Mas mesmo se aceitarmos que os outros reis de Cirene foram enterrados dentro da cidade e talvez até tenham recebido honras heróicas (como os reis espartanos)⁴, Píndaro deixa claro que eles não receberam o mesmo tratamento e seu lugar de enterramento era separado e afastado da tumba única de Bato. Por essa razão, nós podemos estar seguros que Cirene exemplifica o tipo de culto ao oikista que se esperaria encontrar numa colônia grega.

Mais confirmação sobre a existência da tumba de Bato em Cirene se encontra numa lei sagrada desta pólis que pode também indicar que a tumba do oikista servia de oráculo. Vamos examinar essa lei sagrada.

O oráculo no túmulo do oikista

Em 1927, S. Ferri publicou uma longa inscrição de Cirene, datada do final do século IV a.C.⁵ A inscrição, que contém uma variedade de leis sagradas, afirma que as mesmas são mais antigas e atribui suas origens ao oráculo de Apolo: (linha 1) [Ἄ]πόλλων ἔχησε. As linhas 21-25 são extremamente relevantes em muitos pontos que já foram discutidos e podem até mesmo fornecer uma dimensão adicional para a posição religiosa do oikista após a sua morte. Essa passagem em particular, no entanto, é “a mais difícil” (Buck) e não há acordo entre os acadêmicos sobre a sua interpretação. Devido às controvérsias e porque os problemas envolvidos estão interconectados, consideramos melhor discuti-los juntos aqui e ter em mente que estamos preocupados apenas com questões relacionadas ao oikista. O texto é o seguinte:

**ΑΚΑΜΑΝΤΙΩΝ ὁσία παντί καὶ ἀγνώϊ καὶ βαβάλω[ι]
 πλὰν ἀπ’ ἀνθρώπῳ Βάττω τῷ τῷ ἀρχαγέτα καὶ
 Τριτοπατέρων καὶ ἀπὸ Ὀνουμάστῳ τῷ Δελφῶι,
 ἀπ’ ἄλλῳ, ὅπῃ ἀνθρώπος ἔκαμε, οὐκ ὁσία ἀγνώ[ι]
 τῶν δὲ ἱερῶν ὁσία παντί.**

O problema principal é a leitura, ΑΚΑΜΑΝΤΙΩΝ. Ferri lê as letras α <ἰ>

4 Ver Rohde (1925: 123 n. 46). Esparta era a cidade-mãe de Tera, por sua vez, cidade-mãe de Cirene. Veja também a respeito da posição especial dos reis: Ésquilo. *Choeph.* 322 .

5 Para a lista completa de referências, consultar F. Sokolowski, LSCG (1962: No. 115). Uma bibliografia descritiva pode ser consultada em Servais (1960: 113-116). Aqui eu listo apenas os comentários mais importantes que tratam diretamente das linhas 21-25: Ferri: 1927: 93ss; (1929: 399-400); Wilamowitz (1927:159ss.); De Sanctis (1927: 185ss.); Maas (1927: 1951-1953); Vigliano (1928: 255ss.); Oliverio (1933: 7ss, esp. 49-55), com as melhores fotografias; Latte (1928: 42ss.); Radermacher (1927: 182-188); Buck (1928: No. 115, 307ss.)

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		4 de 40									

κα μαντίων e foi seguido por Wilamowitz e de Sanctis. A pedra em si não tem espaço para o < ι >, o que levou P. Maas a colocar a questão “ ’Ακαμαντίων von Heiligtümern der Akamantes?”. Vogliano o acompanhou imediatamente e aceitou que estamos aqui diante de ἡρῶα. Uma nova leitura, entretanto foi realizada por G. Oliverio; ἄ κα μαντίων. Essa leitura foi seguida por K. Latte, G. Luzzato, SEG, e C. D. Buck.⁶

Nós vamos discutir as implicações dessa leitura, AKAMANTIΩΝ mais adiante. Primeiro vamos nos concentrar nas leituras mais antigas uma vez que elas podem acrescentar um aspecto religioso ao oikista.

Wilamovitz considerou μαντίων como o genitivo plural de μάντις “profeta”. Latte, entretanto, construiu um caso detalhado e convincente para μαντεῖον = μάντιον e isso foi seguido por Buck,⁷ que compara usos similares nessa inscrição.⁸ Nós citamos a sua tradução “(genitivo das questões ou pessoas envolvidas) como aos oráculos, a sanção⁹ (para consultá-los) pertence a todos, tanto os sagrados quanto os profanos – exceto aquele (para aqueles) da pessoa de Bato, o Fundador ...”.

Isso faz surgir a questão: Bato, o fundador, tem um oráculo em Cirene? Se teve, o teve como fundador? Novamente, se ele teve, seria este um fundamento para a generalização sobre cultos semelhantes para outros oikistas, parte do ὤς νόμος οἰκιστῆ?

Embora não haja evidência que corrobore um oráculo de Bato, se a leitura, ἄ κα μαντίων, for aceita, não há razão para não acreditar nisso. E nós devemos aceitar Bato, o Arququeta, como uma fonte oracular para Cirene. Seu caso é único? A questão não foi levantada até agora por ninguém que tenha tratado da inscrição, embora isso seja muito relevante. Nós não conhecemos outros oikistas “históricos” que também tenham sido fontes de oráculo. No entanto, nós conhecemos dois oráculos de oikistas míticos: aqueles de Mopsos em Mallos e Autolykos em Sinope: (Pausânias:) ἐν Μαλλῶν μαντεῖον ἀψευδέστατον τῶν ἐπ’ ἔμοῦ.¹⁰ Seria arriscado afirmar que esse oráculo, que Mopsos dividia com Amphilochos em Mallos, fora atribuído a ele como fundador.¹¹ Em razão de Mopsos ser um personagem mítico as tradições sobre ele (e sobre um outro Mopsos) eram variadas e confusas. Suas principais características eram seus

6 ἄκαμαντίων seguido por Maas, Vogliano, Herzog, Frankel, Sokolowski (ver Servais para refs.).

7 Paralelo a δουλίη-δουλεία, σφάγιου-σφαγεῖον, τελώνιον-τελωνεῖον.

8 Ἴαρῶν, linha 25, ἱκεσίων, linha 110: Buck (1928: 311).

9 Sobre ὅσια, ver o estudo detalhado de Jeanmaire (1945: 66-89); (1944: esp. 143).

10 Paus.[I. 34.4.]

11 Sobre a fundação de Mallos ver Estrabão[XIV.675-676]; cf. GGM II p. 371 (Müller) = Eustathius No. 875. Para outras referências ver RE s.v. Mopsus (Kreuse) 242.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		5 de 40									

poderes proféticos e divinatórios. Ele também era associado ao oráculo de Apolo em Klaros. Além disso, muitos lugares eram considerados suas fundações¹², mas apenas Mallos ostentava um oráculo. O *manteion* em Mallos é melhor interpretado como tendo origem a partir de Mopsos em seu papel de profeta, não oikista. Entretanto, ainda é possível que com o tempo esses dois aspectos tenham passado a ser considerados um.

Em comparação, o oráculo de Autolykos em Sinope apresenta um caso muito mais claro de oráculo atribuído a um fundador. De acordo com Apolônio de Rodes, Autolykos foi primeiro associado a Sinope quando os Argonautas pegaram-no lá e aos seus irmãos.¹³ De acordo com Estrabão, entretanto, Autolykos primeiro foi um argonauta que tomou posse de Sinope mais tarde.¹⁴ O texto é instrutivo, pois ele relaciona a captura de Sinope por Lucullus e o roubo da estátua de Autolykos por ele:

ὁ Λεύκολλος, ... τὸν Αὐτόλυκον, Σθένιδος ἔργον, ὃν ἐκεῖνοι οἰκιστὴν ἐνόμιζον καὶ ἐτίμων ὡς θεόν· ἣν δὲ καὶ μαντεῖον αὐτοῦ· δοκεῖ δὲ τῶν Ἰάσονι συμπλευσάντων εἶναι καὶ κατασχεῖν τοῦτον τὸν τόπον. εἶθ' ὕστερον Μιλήσιοι τὴν εὐφυῖαν ἐδόντες καὶ τὴν ἀσθένειαν τῶν ἐνοικούντων ἐξειδίασαντο καὶ ἐποίκουσ ἔστειλαν.

Lucullus... levou embora ... a estátua de Autolykos (obra de Stheni), que eles consideravam o fundador de sua cidade e honravam como a um deus. Ele é considerado como tendo sido um dos argonautas de Jasão e adquirido domínio desse lugar. Mais tarde, as pessoas de Mileto, ao verem quão vantajoso era esse lugar e quão fracos eram seus habitantes, tomaram-no e enviaram colonos para lá.

É dito que Autolykos, por isso, recebeu honras divinas (não heróicas) e um μαντεῖον. Os milésios que chegaram “mais tarde”, aparentemente honraram o herói mítico associado ao lugar, provavelmente do modo como Rhesos em Anfípolis, Idmon em Heracleia e Timésias em Ábdera eram honrados como “antigos” fundadores ou heróis locais. Autolykos também pode ter ajudado os colonos a justificar a posse do sítio de Sinope. Qualquer que seja o caso, Autolykos recebia um culto ativo, e um oráculo em seu nome esteve em atividade até o século I a.C.¹⁵

Embora Mopsos e Autolykos sejam figuras míticas (no sentido que eles pertencem aos ciclos míticos), em termos de culto histórico seus oráculos

¹² Ver Barnett (1953); ver recentemente sobre Mopsu Héstia e Bet Mopsu na inscrição Karatepe, Bron (1979: 172-176), que acrescenta uma discussão completa sobre Mopsos.

¹³ *Arg.* II.955ff.; cf. Val. Flacc. V.115, em que é dito que os irmãos teriam chegado em Sinope depois de uma empreitada conjunta com Hércules contra as Amazonas. Cf. também Apiano *Mithr.* 83.

¹⁴ XII.546.

¹⁵ Cf. Plut. *Luc.* 23; Apiano *loc.cit.*

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		6 de 40									

funcionavam (ao menos em Sinope) como oráculos fundadores. O $\mu\alpha\nu\tau\epsilon\acute{\iota}\omicron\nu$ de Bato, então, não é sem precedente ou contexto. Nós devemos ter cuidado, entretanto, ao propor uma conclusão exagerada de que todo oikista possuía um oráculo. Primeiro, não há evidência disso. Segundo, os casos citados acima são todos de alguma maneira excepcionais. O fator distância pode ter sido importante: talvez devido ao distanciamento das colônias (especialmente Sinope e Cirene), a necessidade de um oráculo pode ter sido maior na colônia.

Que tipo de oráculo era esse? A visão de De Sanctis¹⁶, de que estamos preocupados com $\nu\epsilon\kappa\upsilon\omicron\mu\alpha\nu\tau\epsilon\acute{\iota}\alpha$, geralmente foi sustentada por aqueles que lêem ἄκαμαντίων. Esses oráculos tinham a função específica de se comunicar com os mortos e frequentemente estavam localizados em lugares de “passagem das almas”; o mais famoso é Aornum, em Thesprotis, que é associado ao mito de Orfeu e Eurídice.¹⁷ Na nossa visão, a ágora de Cirene não parece um lugar muito apropriado para esse culto. A questão deve ficar em aberto, embora talvez o costume líbio local de consultar as tumbas ancestrais sobre sonhos oraculares possa ser relevante.¹⁸

Que a localização do oráculo devesse ser a tumba do Arququeta é aceito por todos os acadêmicos que seguem a leitura de $\mu\alpha\nu\tau\epsilon\acute{\iota}\omicron\nu$. A formulação de Chamoux ao apresentar o caso é característica (o próprio Chamoux tende à outra leitura)¹⁹: “uma passagem ... fez supor que um oráculo era consultado sobre a tumba do Arququeta”. Nesse contexto a referência de Píndaro à tumba de Bato (acima) assim como a confirmação arqueológica de Píndaro (abaixo) são frequentemente apresentadas. A associação do oráculo com a tumba é justificada tanto pelo culto heróico dedicado ao oikista quanto por essa inscrição: ἀπ’ ἄλλο ὄπη ἄνθρωπος ἔκαμε (linha 24); lit. (Buck) “de qualquer um *onde* uma pessoa morreu (grifo nosso)”. Essa interpretação também apresenta dificuldades, especialmente aquela que Latte aborda²⁰, a saber, a possibilidade que estejamos lidando, por um lado, com a tumba de Bato, Tritopatores e Onymastos e, de outro, com “casas de lamentação”. Essa interpretação, no entanto, se adapta melhor à leitura de ἄκαμαντίων como um eufemismo para o *morto* (“os incansáveis”, que ele também sugere, mas rejeita em favor de ἄκαμαντίων) em vez de ler *oráculos*, uma vez que nenhum oráculo é presuposto em “casas de lamentação”. Mesmo que (para antecipar um pouco) a leitura ἄκαμαντίων ou Ἄκαμαντίων for aceita e tudo o que está sendo tratado seja a respeito de uma regulamentação sobre a

16 P. 192.

17 Paus. IX.30.6. Ver Buck *op. cit.* Para outras referências.

18 Hdt. IV.172.3.

19 Chamoux (1953:286).

20 P. 44

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		7 de 40									

pureza ritual em relação a morto, *a fortiori* nós estamos lidando com a tumba de Bato. Se for isso, entretanto, a inscrição não pode ser utilizada no contexto de oráculos mas apenas como uma outra confirmação de Píndaro [*Píticas*, V, 93] (que tem valor em si mesma) e da significação religiosa que a tumba de Bato possuía.²¹

De acordo com a leitura variante – ακαμαντιων – o significado geral da passagem está relacionado à pureza e à contaminação durante o contato de alguém com o morto. O significado da implicação da inscrição sobre tumbas já foi discutido. Ele tem algum outro impacto sobre o oikista? O eufemismo, ἀκάμαντες “os incansáveis”, i.e., “os mortos”, não parece ter esse impacto, Ἀκάμαντες, no entanto, como um nome heróico (a versão mais aceita) pode significar algo. Ninguém está absolutamente certo sobre quem são os Akamantes.

Já foi observado por P. Maas, em um calendário sagrado do início do século IV a.C. de Maratona²², que tanto os Akamantes quanto os Tritopatores aparecem juntos (no *Skrophorion*; diante da *Skíra* uma ovelha era oferecida a cada um), talvez em um contexto de fertilidade e fertilização.²³ Na Ática existe ao menos alguma possibilidade que os Akamantes estejam associados a Akamas, o filho de Teseu, que também tinha uma *phylé*, Akamantes, nomeada a partir dele. Os Tritopatores, como veremos abaixo, são predominantemente áticos.²⁴

Em Cirene encontramos um outro Akamas, um dos filhos de Antenor, o fundador mítico de Cirene. Esse fundador e seus descendentes, afirma Píndaro²⁵, eram honrados com sacrifícios por Bato I. Mas porque os filhos de Antenor e os outros descendentes deveriam ser condensados na figura de Akamas?²⁶ Além disso, Píndaro usa o termo, Antenoridai; se a fórmula cultual era Akamantes, nós deveríamos esperar pela própria, ao invés disso.²⁷

21 Nock (1944: 143) entende essa passagem como uma exceção, i.e., qualquer outra tumba com exceção das tumbas de Bato, o Tritopatores e Onymastos, transmitem impureza. Esse caráter excepcional parece enfatizar o aspecto público da tumba como um lugar acessível a todos e, nesse sentido também, é uma confirmação de Píndaro.

Algumas dúvidas foram levantadas sobre o Bato em nossa inscrição ser o oikista Bato; no entanto, elas não parecem válidas. Mas estava perturbado com ἄνθρωπος porque Bato foi heroicizado; por essa razão, ele pensou que o Bato em nossa inscrição devia ser o filho de Bato I. Mas isso é um equívoco: seu filho era Arkesilas [Hdt. IV.159.1]. De fato, ἄνθρωπος permanece difícil de explicar; a ideia de Buck, que “ἄνθρωπος aponta o contraste entre os oráculos de seres humanos falecidos e aqueles dos deuses” parece mais provável (1928: 311).

As ideias mais tardias de Silvio Ferri (1929: 399-400) sobre Bato ser um “homem líbio” e sobre “oráculos médicos” nos parecem totalmente infundadas. O arquequeta é uma refutação suficiente.

22 IG II² 1358 linha 32 = Prott-Ziehen. LGS No. 26 B32.

23 Cook (1940: 115).

24 Para Akamas, ver Roscher Lexicon (Bernhard) I. 205-206.

25 *Píticas* [V. 83f]. Ver também pp. 153-154.

26 Cf. Vogliano (1928:180); Latte (1928: 23); etc.

27 Sobre as outras tradições a respeito de Akamantes ver o comentário de Jacoby sobre

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		8 de 40									

Nós devemos, portanto, concluir que aqueles que seguem a leitura como ἥρωα τῶν Ἀκαμαντίων devem se contentar sem uma explicação (a menos que o culto seja uma importação Ática, uma ideia que não foi mencionada; ver abaixo sobre os Tritopatores); portanto, essa inscrição não é relevante para estabelecer os deveres do oikista em cuidar do culto dos Akamantes.

Onymastos, o délfico, é um mistério. De Sanctis propôs a criativa conjectura de que ele pode ter sido um sacerdote délfico que acompanhou Bato I para ajudar nas questões religiosas da fundação de Cirene.²⁸ Assim, De Sanctis afirma, ele pode ser comparado a Eumelos, que acompanhou Arquias para Corinto. De Sanctis certamente está enganado sobre Eumelos; ele faz a observação de passagem e, nos parece que, o que ele tinha em mente eram os ancestrais da família dos videntes, os lamidai, que como vimos em um comentário, são conhecidos por ter acompanhado Arquias até Siracusa.²⁹ Mas a ideia ainda é atraente, embora não exista um meio de substanciá-la. A ideia de De Sanctis, por conseguinte, associa os oráculos (ou tumbas, *heroa*, etc.) com uma tradição religiosa (ou mesmo um culto) associado ao evento da fundação da cidade.

Finalmente, nos voltamos aos Tritopatores que são “unidos” por sintaxe a Bato, em nosso texto. Os Tritopatores³⁰ são conhecidos em outros lugares apenas como (i.e., originários da) Ática. E. Wüst, no artigo no *RE*, afirma que eles são encontrados apenas na Ática, o que é errado, claro: eles aparecem também em Delos e em Cirene.³¹ A evidência literária dos Tritopatores é escassa, confusa e tardia (algumas vezes é confundida com tritões); seus atributos “originais” são supostamente aqueles dos ancestrais, progenitores e ventos (vento = alma?).³² O número três pode indicar uma pluralidade indefinida quer no seu número ou em relação ao seu número de gerações.³³ Um santuário devotado a eles, um *Tritopatreion*, foi identificado em Atenas entre a estrada para Eleusis e a Rua

FGrHist 386 F6.

28 Cf. Defradas (1972: 255 n.5).

29 Ver p. 93-97. A passagem em Clemente de Alexandria [Str. I.144], Εὔμηλος δὲ ὁ Κορίνθιος ἐπιβεβληκέναι Ἀρχία τῷ Συρακούσας κτίσαντι que De Sanctis pode ter tido em mente, é problemática. ἐπιβάλλειν, nesse sentido, deve significar “seguir (cronologicamente)”; Eumelos não parece ter sido um contemporâneo (*Lyra Graeca* I 12-16 (Edmonds)); ele parece se referir à primeira Guerra Messênia. A questão é incerta. Qualquer que seja o caso, Eumelos não aparece como um “expert religioso” em nenhuma de nossas fontes (Edmonds *ibid.* 12).

30 Kretschmer (1920: 38-45 esp. 41).

31 J. e L. Robert, *REG* 68 (1955) *BE* No. 30 195-196.

32 Rohde (1925: ch. V com n.123). O estudo completo pode ser encontrado em Cook (1940: 112-146). A evidência literária foi discutida a partir da p.120. Também se tentou associá-los a figuras micênicas que podem aparecer num tablete de Pylos: Hemberg (1959: 172-190).

33 Cook (1940: 124).

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		9 de 40									

das Tumbas.³⁴ Sua estrutura é triangular com muitas inscrições identificando-o e proclamando-o fora dos limites (*ábaton*): HOPOS:HIEPO/TPITOPATPEON/HABATON.³⁵ Sua localização é significativa: nas encruzilhadas e não muito longe da entrada da cidade (ver abaixo).

Existe evidência epigráfica sobre os cultos privados dos Tritopatores pertencentes a um *genos* (ou família?). Recentemente, um outro desses *hóroi* foi encontrado em Atenas.³⁶ Outra inscrição sobre um culto a um *génos* foi encontrada em Delos, dessa vez a um Tritopator no singular.³⁷ Os Pyrrhakidai também podem ser identificados como um *génos* ateniense que é conhecido a partir dos registros délficos das Pythaïs atenienses.³⁸ A tradição de Delos sobre eles era que o seu arquequeta viajou com Eurysichthon de Atenas para Delos.³⁹ O Santuário de Delos também ficava em uma encruzilhada. Finalmente devemos lembrar do Calendário Sagrado de Maratona, ao qual nos referimos acima.

Vamos nos voltar à questão da localização: em Atenas e em Delos, o culto é encontrado em encruzilhadas e entradas.⁴⁰ Em Cirene, sabemos que a tumba de Bato estava localizada nas margens da ágora, isto é, provavelmente na entrada (Pind. *Píticas*, V, 93). Isso pode ser comparado à localização do *Theseion* em Atenas “na entrada do centro cívico”.⁴¹

Por conseguinte, nós podemos compreender melhor o significado religioso atribuído a Bato e ao Tritopatores: Bato como um Arquequeta também é concebido como um ancestral em termos de culto. Os Tritopatores são os ancestrais míticos e religiosos impessoais gerais que também são οἱ πρῶτοι ἀρχηγῆται.⁴² Seu culto pode ter vindo a ser associado ao de Bato, tanto devido à semelhança do significado e conteúdo religioso (i.e., o aspecto ancestral do culto ao oikista), quanto também devido à similaridade de sua localização física (nas entradas).

Conclusões:

(1) A inscrição serve como uma outra corroboração de Bato como

34 Wycherley (1978: 259 com n.18); cf. Judeich (1931: 410-411).

35 Ohly (1965: 327-328).

36 B. D. Meritt, *Hesperia* 30 (1961) 264 No. 80 pl.50.

37 Cook (1940: 118) com ilustração (fig. 40) e referências; Robert *loc. cit.*

38 Ditt. *Syll.* 4 No. 711 D 30f; n.13 (350-351).

39 Cook *op. cit.* Para Eurysichthon em Delos ver Gallet de Santerre (1958: 186-188). Em Delos, então, o culto é associado ao mito fundador.

40 Thompson (1966: 46). Uma discussão recente que inclui a questão da posição pode ser encontrada em C. Bérard (1970: 60 ss.; 68) (que tenta incluir o *herôon* na entrada oeste – século VII a.C. – na mesma categoria).

41 C. Bérard (1970: 69), que segue Thompson; Wycherley (1978: 64 e n.78). A localização precisa, entretanto, é desconhecida. Cf. Thompson (1978).

42 *Anecd. Graec.* Vol. I. 307 linha 16. Para uma posição semelhante de um *herôon* cf. Bousquet (1963: 191-196).

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		10 de 40									

arquegueta.

(2) A inscrição parece indicar a existência de um oráculo do oikista em Cirene que pode ser particularmente comparado ao oráculo de Autolykos em Sinope. No entanto, em razão dos dois casos serem altamente excepcionais e peculiares, deduções gerais devem ser feitas de modo cauteloso.

(3) É impossível decidir entre as duas maiores interpretações de AKAMANTIQN; cada uma é problemática, embora uma boa probabilidade exista para cada qual. Mesmo se o oráculo for rejeitado e nós estivermos lidando com a contaminação resultante do contato com o morto, ainda somos deixados com a implicação sobre a tumba. Ambas as interpretações, portanto, confirmam a tumba de Bato, independentemente de Píndaro, provavelmente com uma referência ao seu culto como arquegueta na ágora de Cirene.

(4) Por rejeitarmos os argumentos de Maas e Sokolowski, a inscrição não pode ser usada para confirmar posições especiais de honra aos descendentes do oikista.

(5) A função do oikista de definir cultos e oferecer honras aos deuses e heróis, como no caso dos Antenoridai, não parece ser relevante para os Akamantes. Ela pode ser importante, entretanto, se Onymastos foi um sacerdote délfico que passou a regular as questões religiosas, uma vez que isso iria representar o papel de Delfos na fundação de Cirene como muito mais ativo.

(6) A associação com os Tritopatores evidencia o aspecto de ancestral sugerido no título de arquegueta do oikista e, além disso, esclarece as maneiras como a posição e simbolismo religioso do oikista eram percebidos na sua colônia.

A evidência material dos túmulos de oikistas

A identificação arqueológica da tumba de Bato em Cirene foi geralmente aceita pelos acadêmicos como provável. Antes de nos voltarmos para ela, vamos primeiramente apontar quais outras atribuições de vestígios físicos de tumbas de oikista históricos podemos examinar.

Lamis, o oikista dos colonos megarenses, morreu em Tapsos na terceira tentativa de se assentar antes que os colonos finalmente encontrassem um lugar permanente no sítio de Mégara Hibleia.⁴³ Um único enterramento do século VIII a.C., que perturbou o registro arqueológico do cemitério local da Idade do Bronze, foi encontrado; ele é mais conhecido por sua associação com as *Thapsos cups* (taças de Tapsos), mas alguns acreditam que esse enterramento “pode muito

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		11 de 40									

bem ser” a verdadeira sepultura de Lamis.⁴⁴ A hipótese é atraente e provável *a priori*; no entanto, isso permanece uma conjectura. Também seria necessário explicar a existência de um segundo conjunto de ossos, que foi encontrado na mesma sepultura. Parece não haver indício de culto no sítio. Mesmo que estejamos lidando com a tumba do Lamis histórico, nós não podemos utilizá-la como uma evidência significativa no contexto do culto oferecido ao oikista.

Na própria Mégara Hibleia, os autores das escavações da sua ágora propõem identificar o edifício *d*, na importante encruzilhada *A* e *C*, como um *herôon*, particularmente a partir das evidências presentes nas pequenas covas na entrada do *herôon*, que eles consideram comparáveis às covas semelhantes em Cirene e Tasos.⁴⁵ Como dissemos, seria melhor ter uma gama mais ampla para a comparação com outros *heroa* mas, dada a natureza da evidência, aceitamos a identificação possível. A área parece ter sido reservada como sagrada desde o início da colônia e, o *herôon*, em si, foi construído uns 50 anos mais tarde. Os autores vão além e sugerem a identificação desse *herôon* com aquele do fundador (com a substituição do Lamis?). Sua localização é certamente atraente: na esquina ou na entrada da ágora, assim como Píndaro descreve a tumba de Bato em Cirene.⁴⁶ Mais uma vez, tudo o que podemos fazer é aceitar isso como uma hipótese provisória, já que não há uma evidência clara que associe o edifício com o fundador ou mesmo que o identifique com um certo grau de segurança como o *herôon*.

Em Posidônia, um pouco ao sul do templo de Atena, uma pequena câmara de pedra, da qual somente o teto é observado acima do solo e nenhuma porta, foi encontrada dentro de um precinto. Ela tem, no seu centro, uma plataforma elevada ou banco com cinco espetos de ferro deitados sobre a mesma. No canto foi encontrado um vaso ateniense de figuras negras e, ao longo das duas paredes mais longas, jarros de bronze repletos de mel até as bordas. Nenhum corpo foi encontrado na câmara. Sua data é c. 520-500 a.C.⁴⁷

A câmara foi identificada como o cenotáfio de um herói e, mais especificamente, P. Zancani-Montuoro propôs a teoria de que esta é a tumba de um oikista; este não seria o oikista de Poseidônia mas Is, de Helike, que foi o fundador de Síbaris. Supostamente, com a destruição de Síbaris por Crotona em 510 a.C., alguns sibaritas que foram para a sua colônia, Posidônia, estabeleceram

44 Boardman (1980:174); Coldstream (1977: 235); Dunbabin (1948:19); Vallet e Villard (1952: 337).

45 Vallet, Villard, Auberson (1976: 209-211; 412-413); ver p. 164-174.

46 Pind. [*Píticas*.V.93].

47 Para uma publicação detalhada recente com uma avaliação sensata da evidência ver Kron (1971: 117-148); cf. Boardman (1980: 181); Bosi (1980: 82) possui uma boa fotografia.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		12 de 40									

ali um culto ao seu próprio herói fundador. Uma mudança no tipo de cunhagem, que mostra influência aqueia, também é atribuída a esse período e é citada para sustentar essa teoria.⁴⁸

A hipótese, embora ousada, não é em si improvável. A maior objeção é um grafite em um vaso local encontrado no mesmo precinto, que diz τᾶς νύμφας ἐμίηια...; qualquer que seja a reconstituição da última palavra,⁴⁹ parece claro nessa dedicatória⁵⁰ que é “simultânea à construção completa”⁵¹ não é uma dedicatória a um oikista como aquela que vimos em Gela. A identidade das ninfas está aberta à contestação, mas isso é irrelevante aqui. O *herôon* precisa de uma explicação, mas sua identificação como o cenotáfio de um fundador nos parece duvidosa. Ela é no máximo uma conjectura que evita a dificuldade da data tardia (i.e., isso não pode ser um cenotáfio para o fundador de Posidônia em si), ao supor uma prática sem paralelos. Na própria Gela, com exceção da dedicatória, Orlandini sugeriu uma identificação provisória de um *herôon* que pode ser o *herôon* de Antífemo. A identificação, no entanto, é incerta.⁵² Vamos agora retornar a Bato.

Deve-se declarar, a princípio, que a evidência encontrada na ágora de Cirene é particularmente incompleta em razão da total destruição da cidade pelo fogo na época de Trajano. O que foi identificado como a tumba de Bato pertence, na verdade, ao período de Adriano. O trabalho em relação à tumba e que começou anteriormente, foi terminado e publicado por S. Stucchi. O *herôon* de Bato também recebeu recentemente um tratamento sintético detalhado de Büsing em sua monografia sobre Bato.⁵³

Nós estamos preocupados com duas estruturas diferentes: uma tumba e um precinto no canto leste da ágora, ao norte. Em direção ao mar. Dentro do precinto, foi identificada uma casa de um cômodo “anterior a 600 a.C.”, bem como uma cova sacrificial em frente à sua entrada, um pouco a leste (provavelmente para não bloqueá-la). Nela foram encontradas cinzas e vestígios sacrificiais. Por volta de 600 a.C., o edifício foi ampliado e a cova foi então colocada dentro do edifício. Fragmentos de 17 vasos foram encontrados dentro do edifício, nove dos quais datam do último quarto do século VII, e todos os demais nos 100 anos em torno desta data. Essas dedicatórias(?)⁵⁴ devem ser datadas, portanto, do tempo

48 *Arch. Stor. Calabria* 23 (1954) 183 ff.; cf. Kron, *ibid.*, 126-128.

49 Kron, *ibid.*, 120, para várias sugestões.

50 *Ibid.*, para sua definição como dedicatória.

51 *Ibid.*, 128.

52 Orlandini (1968b:49). Ver nossa figura 10. Para um outro caso de dúvida cf. nossa nota 30, cap. V.

53 Stucchi (1965: 58-98 esp. 58-65), com referências a obras anteriores. Büsing (1978: 51-79 esp. 66-79).

54 Büsing (1978:68) postula que os vasos foram depositados no solo. Uma inscrição em um vaso de Rhodes lê *ôphelei* (Stucchi 1965:46-48; pl. 10.10; cf. *Rev. de Phil.* 43 (1970:239),

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		13 de 40									

de Bato I e pouco depois de sua morte (c. 590 a.C.). Por volta de 430 a.C. o edifício foi ampliado com uma nova entrada ao sul. O edifício foi identificado de modo variado como um *herôon* ou um templo.

O sítio da tumba propriamente, junto ao muro norte do precinto, contém fragmentos cerâmicos de c. 600 a.C. Ele é descrito por Stucchi e Büsing como um monte de terra redondo, com 6,20 m de diâmetro, circundado por blocos de pedra. Dentro dele foi encontrado um altar com cinzas que apesar⁵⁵ do nivelamento e preenchimento durante os séculos ainda tinha 40 cm. de espessura na época da escavação. Quando as cinzas foram removidas, 13 pedras irregulares foram encontradas, posicionadas em forma oval.⁵⁶ Sob as mesmas, provavelmente intocados, estavam vestígios e ossos queimados misturados à terra e nada mais. Um exame do tipo de solo levou a conclusão que ele não é encontrado em nenhum outro lugar em Cirene; isso levou Büsing a afirmar que Bato na verdade morreria em outro lugar e que seus restos mortais foram transportados mais tarde. A enorme quantidade de cinzas foi explicada como o resultado de um funeral particularmente longo e público.⁵⁷

No final do século V a.C., houve mudanças na ágora e seu nível foi artificialmente elevado. O monte sobre a tumba então não estava mais visível. Ele foi deixado aparentemente intocado, mas um novo cenotáfio foi construído perto dele com um novo monte de terra. Esse, por sua vez, penetrava o antigo precinto que, também sofreu algumas mudanças. Dentro do novo monte foi encontrado um sarcófago de pedra com 2,86m x 1,14m x 1,10 m.⁵⁸

Na segunda metade do século IV a.C., a ágora foi elevada mais uma vez, e uma nova cobertura para o cenotáfio foi acrescida, assim como novas paredes ao redor da tumba. A “tumba sagrada de Bato” que Catulo menciona⁵⁹, talvez ainda se refira à tumba nesse estágio. Após a grande destruição houve uma reconstrução completa. A posição da tumba é compatível com o que Píndaro diz a esse respeito⁶⁰ e não há dúvida que Bato tinha uma tumba na ágora. Sua identificação, em particular a análise do altar de cinzas e dos ossos, parece plausível. Deve-se manter a cautela, entretanto: nenhuma evidência direta, como

que pode ser considerado como um substantivo “aos Ophelai”, “Ajudantes”. i.e., uma dedicatória a um *daimon* (ou herói?) benfazejo. Büsing (1978: 70) prefere lê-la como um verbo cujo sujeito é Apolo (portanto, o edifício é o primeiro templo a Apolo).

55 Büsing (1978: 71).

56 Ver as figuras a-b Stucchi (1965: 59).

57 Büsing *ibid.*

58 Nós não achamos a comparação de Büsing com o cenotáfio em Posidônia defensável. A mera diferença de tamanho (cerca de quatro vezes maior em Posidônia) torna qualquer analogia possível sobre os conteúdos do cenotáfio em Cirene suspeita (Büsing 1978: 73).

59 VII.6: *Batti veteris sacrum sepulcrum*. Cf. Stucchi (1965:65).

60 *Loc. cit.*

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		14 de 40									

uma inscrição, foi encontrada para identificá-la. Também é difícil em escavações arqueológicas acessar o tamanho e volume dos montes de terra, especialmente devido às (pelo menos duas) elevações da ágora.

Nós devemos finalizar enfatizando que qualquer interpretação dessa tumba deve levar em conta a possibilidade que ela tenha servido como um oráculo de acordo com uma das duas principais interpretações da lei sagrada, que nós discutimos acima.⁶¹

Falanto e Tarento

As circunstâncias da fundação de Tarento⁶² na última década do século VIII a.C. estão envoltas em histórias encantadoras entretanto obscuras, cheias de elementos folclóricos e lendários. A tradição de que o oikista era Falanto é unânime,⁶³ mas há muitas variações sobre sua origem social, seu papel nos eventos que precederam a colonização, e sua vida subsequente à fundação em si. Essencialmente, é dito que ele dirigia certos grupos (*epeunaktai*; *partheniai*)⁶⁴ que não estavam integrados na sociedade lacônia; a identidade específica desses grupos, embora elaborados em nossas fontes, nos escapam. As histórias sobre a primeira Guerra Messênia, o juramento dos homens de não voltar para casa, a frustração das mulheres espartanas e a subsequente maturidade dos *partheniai* (os bastardos nascidos dessas mulheres), embora fascinantes e talvez reflexivas de certos costumes sociais,⁶⁵ provavelmente são invenções etiológicas tardias, talvez desenhadas para explicar o significado esquecido dos *partheniai*.⁶⁶ De qualquer modo, o culto ao oikista em Tarento não depende da origem dos colonos.

O próprio Falanto também é uma figura obscura e algumas tentativas foram feitas para identificá-lo com várias divindades ou mesmo um herói

61 Isso abriria uma nova possibilidade para a interpretação de *ôphelei* na inscrição mencionada acima. O “ajudante” ou “aquele que ajuda” pode estar associado ao próprio Bato?

62 As principais fontes: Antíoco [FGrHist 555 F13] e Éforo [FGrHist 70 F216], ambos em Estrabão [VI.278-280]. Para discussões detalhadas e referências: Bérard (1957: 162-175 esp. 170-172 sobre o oikista); Wuilleumier (1939), recentemente Pembroke (Set.Out. 1970, No. 5: 1240-1270 esp. seções I, IV, V); Vidal-Naquet (1981a: esp. 194-196). Ver também Corsano (1979: 113-140).

63 Mas não mencionada na passagem que Estrabão extrai de Éforo; cf. Pembroke (1970: 1259 com n. 5).

64 Sobre esses nomes, para discussão e referências a obras anteriores de Pembroke (1970: 1246-1249; 1265-1267); Vidal-Naquet, *op. cit.*

65 Ver para discussão e referências Corsano *op. cit.*

66 Cf. Graham (1982: 112); não pode haver, no entanto, nenhuma certeza sobre o significado desse termo.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		15 de 40									

iapígio local.⁶⁷ Ele era claramente distinto do herói epônimo (lendário), Taras, que aparentemente passou a receber um culto predominante na colônia (ver abaixo). Essa distinção encoraja nossa investigação sobre os testemunhos do culto que ele recebia e pode sustentar a forte razão apresentada por Bérard sobre a historicidade de Falanto.⁶⁸ Nossa orientação deve, portanto, ser o culto, e termos em mente que embora não existam dúvidas sobre a historicidade do oikista, ele era considerado histórico, provavelmente de uma época mais remota. Além do mais, como ele era distinto do herói epônimo da colônia, nossas razões para não tratar de modo geral esses casos não se aplicam a ele.

De acordo com as tradições preservadas por Estrabão e Justino,⁶⁹ Falanto foi exilado da colônia que ele havia fundado. Ele morreu em Brentesion; de acordo com Estrabão “ele era considerado pelos homens de Brentesion digno de um *taphé* esplêndido”.⁷⁰ A palavra pode significar tanto enterramento quanto funeral.⁷¹ S. Pembroke, que tenta apresentar a tradição como se Falanto não estivesse na verdade sepultado em Brentesion (na versão de Estrabão), afirma que “embora Estrabão fale sobre magníficos funerais, ele não diz nada sobre o túmulo”. Assim, o sentido de *herôon*, aceito por vários acadêmicos⁷², é negado e a versão de Estrabão se torna compatível com aquela de Justino (abaixo), que descreve a transferência dos restos mortais de Falanto para Tarento.

A teoria de Pembroke, no entanto, é duvidosa. *Taphé* pode significar funeral⁷³, mas isso não parece atraente. Para consubstanciar essa questão, Pembroke cita [Hdt V.47.2.], em que ἡρώιον é explicitamente distinto de um τάφος regular;⁷⁴ mas *tafo* e *taphé* não são sinônimos. A questão, portanto, não está resolvida, e ficamos com a afirmação de Estrabão que nos parece significar um sepultamento real em Brentesion.⁷⁵ Concordamos, entretanto, que o sentido

67 Ver a revisão sensata de Bérard (1957: 170 com n.3) e sua apreciação de outros elementos fabulosos associados a outras figuras cuja historicidade não está em questão; cf. Pembroke (1970: 1260-1265). Ver de modo geral para testemunho e comentário Gianelli (1963: 12-27; 241-246).

68 Com o intuito de esclarecer nossa atitude: nós acreditamos que o nome Falanto, seja o nome do fundador histórico, mas qualquer coisa além disso sobre sua biografia e circunstâncias pertenceriam à tradição da ficção. Nomes de oikistas e cidades-mães, bem como as datas de fundação, são frequentemente tudo o que nossas fontes preservam para nós; elas parecem indicar que na Antiguidade esses fatos eram considerados importantes e dignos de ser preservados. A “seleção” de fatos que nos chegaram não é totalmente arbitrária.

69 Estrabão [VI.282]; Justino[III.4].

70 ἡζιώσαν λαμπρᾶς ταφῆς

71 L.S.J. s.v. ταφή

72 Pembroke (1970: 1263 com n.5); cf. *RE* XIX.2 art. “Phalanthus” (Ehrenberg) 1624.

73 L.S.J. s.v. No. 2; cf. Diod. XI.58.1 e discussão em Temístocles.

74 Cf. Corsano (1979: 133 com n.41).

75 Brentesion pode ter feito algum tipo de reivindicação de Falanto; ela também cunhava moedas da série da figura masculina cavalgando um golfinho, que pode ter representado Falanto (ver abaixo); Head *HN* ² 52; cf. Pfister (1909-1912: 295 n. 968); Pembroke (1970: 1261). A pri-

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		16 de 40									

da história é justificar a ausência de uma tumba para Falanto na própria Tarento.

Essa também parece ser a questão na versão de Justino: é dito que Falanto convenceu os homens de Brentesion a espalhar suas cinzas na ágora de Tarento fazendo-os acreditar que esse ato constituiria uma traição final de Tarento; entretanto, ao ter suas cinzas espalhadas na ágora da colônia que fundou, na verdade, ele garantiu que ela continuaria para sempre na mão dos tarentinos. Por isso, conclui Justino, os tarentinos prestam-lhe “honras divinas” (*divinos honores*).

É possível que Justino tenha usado as palavras, *divinos honores*, descuidadamente e que, na verdade, Falanto recebeu um culto heróico apropriado. Mas isso é incerto. Falanto não parece ter possuído um *herôon* em Tarento, a “distribuição das cinzas” satisfazia tanto a necessidade de “enterrar” o oikista na ágora como ainda evitava a identificação de qualquer lugar específico que pudesse servir de local de culto heróico. Falanto é, assim, comparável a Licurgo, o legislador espartano, cujas cinzas também acreditava-se terem sido espalhadas (mas por uma razão diferente)⁷⁶ e a Sólon (por um motivo semelhante).⁷⁷ É mesmo possível que algumas das características de Falanto tenham sido modeladas a partir daquelas de Licurgo, pois esse último, também não era inteiramente “humano”.⁷⁸ Talvez isso explique porque Justino não se refere a honras heróicas, mas divinas. Qualquer que seja a explicação⁷⁹, a estória não parece histórica. Há mais uma razão porque a distribuição das cinzas pode ter sido inventada, particularmente em Tarento: o assentamento original era na *città vecchia* (cidade antiga); mais tarde a cidade cresceu e incorporou os túmulos que estavam originalmente situados no exterior dos muros.⁸⁰ Gerações posteriores, que não tinham conhecimento desse desenvolvimento histórico e topográfico, inventaram uma justificativa para essa irregularidade.⁸¹ Os tarentinos, então, passaram a acreditar que não havia nada de excepcional sobre enterramentos intramuros na sua própria cidade; mas se esse fosse o caso, o que teria distinguido o seu oikista de qualquer outro tarentino? A distribuição de suas cinzas, portanto, teria destacado-o de todos os outros membros da comunidade.

Stephanus de Bizâncio lista os *phalantidai* em Tarento entre outras meira emissão, entretanto, é tardia, de cerca da metade do século III a.C. e pode ter começado depois da fundação da colônia romana ali. A figura masculina cavalgando um golfinho pode ter sido simplesmente um elemento artístico adotado sob a influência de Tarento (ver mais abaixo).

76 Plut. [*Lyc.* 27; 31].

77 Plut. [*Sol.* 32]; Diog. Laert. I.62. Para outros exemplos ver Rohde (1925: 143 n. 35). Ao se espalhar as cinzas essas relíquias também estão protegidas do roubo.

78 Hdt. [I.65-66]; Paus. [III.16.6], que diz que seu culto era οἶα...θεῶν

79 Possivelmente, também, a ausência de uma tumba exclui um culto heróico ctônico.

80 Lo Porto (1971: 343-383).

81 Polib. [VIII.28].

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		17 de 40									

famílias cujos membros desfrutavam de uma distinção especial em suas comunidades.⁸² A historicidade de sua genealogia (presumivelmente retornando ao próprio Falanto) é duvidosa; mas não ajuda em nada para que essa seja uma corroboração complementar da crença que Falanto era um verdadeiro oikista. Além disso, a distribuição das cinzas iria distinguir portanto Falanto das outras supostas sepulturas de *phalantidai* que existiram dentro da cidade.

Finalmente, alguma evidência numismática pode fornecer alguma indicação da posição de Falanto. As moedas tarentinas frequentemente são encontradas com a figura de um homem montado em um golfinho.⁸³ O mesmo tipo também aparece em outras cidades ápuilas (Butuntum, Teate, [B]aletium) e, curiosamente, também em Brentesion.⁸⁴ A figura masculina cavalcando um golfinho é identificado com Falanto por Pausânias em sua descrição de um grupo de estátuas que representavam Taras e Falanto que estão em pé, perto de um golfinho, dedicadas em Delfos. Pausânias continua a contar como Falanto foi salvo de afogamento por um golfinho.⁸⁵

Os numismatas hesitam entre Falanto e Taras (o herói). O caso do último é baseado em (1) uma história semelhante de resgate por um golfinho; (2) a rejeição da história de Pausânias, considerada um “conto de guia turístico délfico” (o golfinho estava, afinal, não sob Falanto mas perto dele) e a adoção da visão de que a aventura de Falanto foi confundida com a história anterior de Taras; (3) um fragmento de Aristóteles⁸⁶ que identifica expressamente a figura masculina cavalcando um golfinho com o herói epônimo.

Essa última evidência poderia resolver o assunto se não fosse pela distinta possibilidade que Aristóteles cometeu um erro lógico⁸⁷: na moeda tarentina, ao lado da figura masculina cavalcando um golfinho aparece uma inscrição, ΤΑΡΑΣ; mas esse pode ter sido o nome da cidade, não do herói.

As figuras masculinas cavalcando um golfinho são um motivo comum no folclore grego, e a maioria das discussões sobre esse problema não deixa de mencioná-los conscienciosamente.⁸⁸ Essa pluralidade parece-nos

82 Steph. Byz. s.v. Ἀθηναί. Ver 253-254. Pembroke (1970: 1264) argumenta “que a palavra ‘*phalantiades*’ se aplica ao conjunto de pessoas.” Mas a observação final em Stephanus que distingue as cidades das famílias torna isso indefensável.

83 Lacroix (1965: 89-100); cf. Kraay (1976: 175).

84 Head *HN*² 52.

85 Paus. [X.13.10].

86 Fr. 590 (Rose) = Pollux [IX.80], da “Constituição dos Tarentinos”.

87 Cf. Bérard (1957: 170 n.7).

88 Era um motivo folclórico especialmente associado a Apolo, e.g., Arion [Hdt. I.24]; cf. [Paus. III.25.7]; Ikadios, filho de Apolo (Srv. Verg. Aen. III.332); etc. Ver Bérard (1957: 171 n.1); Wuilleumier (1939: 34); Pembroke (1970: 1261ss.). O próprio Cabo Taenarum supostamente teria sido transferido de Apolo para Poseidon [Estrabão VIII.373].

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		18 de 40									

importante, não tanto pela possibilidade de isolar ou identificar uma única figura em particular, mas porque ela elimina a necessidade de excluir, *a priori*, tanto Falanto ou Taras de serem confundidos um com o outro. É preciso admitir que essa questão não é irrespondível pela ausência de evidência suficiente. Pode bem ser que a mesma figura, que uma vez se pensou ser Falanto, foi com a elevação de Taras a proeminência (abaixo), identificada com esse último. Não há necessidade de repetir os argumentos dos acadêmicos que lidaram com essa questão, exceto talvez para levantar um ponto que parece ter recebido muito pouca atenção.

A tradição que identifica Taras como a figura masculina cavalcando um golfinho é, na verdade, muito tardia; ela é encontrada em um comentário de Probo (final do século I d.C.) em Virgílio. *Georg.* II, 196.⁸⁹ Ele começa com um detalhe sobre a mãe de Taras que é claramente diferente das demais tradições, que a consideram uma ninfa local:

... Dicitur autem Tarentum Neptuni filium, Lacedaemonia civitate ex Satura, Minois Cretensium regis filia procreasse filium. Hunc proiectum naufragio facto delphinus in Italiam evexisse dicitur.

E, então, para fornecer provas dessa história particular, Probus continua:

...cuius hodie quoque testimonium manet. Nam in municipio Tarentinorum hominis effigies in delphino sedens est ...

O argumento de Probo no contexto de nossa investigação é simplesmente circular, nos lembra argumentos semelhantes frequentemente utilizados nesse contexto: Probus (ou sua fonte) simplesmente interpreta uma representação artística. Essa não é uma base suficientemente sólida para rejeitar Pausânias, cujo guia de Delfos parece ter feito exatamente o mesmo.

Não há uma tradição unânime sobre quem exatamente foi Taras⁹⁰; frequentemente ele aparece ou como um descendente de Héracles ou como o filho de Poseidon e uma ninfa local, Satyra. Que ele tenha sido considerado um herói epônimo dificilmente pode ser questionado, mas a única evidência que indica que ele realmente recebeu um culto é duvidosa e indireta. Antíoco observa que Τάραντα δ' ὠνόμασαν ἀπὸ ἥρωός τινος τὴν πόλιν.⁹¹ O título herói, provavelmente implica um culto. Se esse era o caso, entretanto, o culto que

89 Thilo Vol. III.2 p. 37.

90 *RE* IV.A.2 s.v. Taras (Philipp.) 2286-2287; Roscher *Lexikon* s.v. id. V. 91-96 (Buslepp.).

91 [*FGrHist* 555 F13] = Estrabão [VI.279].

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		19 de 40									

Antífoco supõe provavelmente não era de um culto ao fundador.⁹² O τῖνος também diminui a impressão de que estejamos lidando com um herói importante. Ele provavelmente era o herói do rio local, que também é considerado a fonte do nome de Tarento⁹³; dar nomes às colônias a partir dos rios não era incomum, nem associar rios a ninfas⁹⁴. Provavelmente, o mito de Taras se desenvolveu etiológicamente e, gradualmente, o herói se tornou mais e mais proeminente. Um processo semelhante pode ser observado em Ábdera, onde o herói epônimo acabou por eclipsar Timésias, o oikista histórico. Uma fonte tardia tenta resolver a “contradição” sobre o oikista de Tarento: *Taras considerat, Phalanthus auxerat*.⁹⁵

Esse processo de “ofuscamento” foi discutida de modo mais articulado por Wuilleumier, com quem nós concordamos a esse respeito.⁹⁶ A proeminência de Taras é melhor ilustrada pela cunhagem mais tardia: em 470 a.C., um novo tipo de figura sentada surgiu que foi chamada de “oikista sentado”.⁹⁷ O cântaro, que algumas vezes é segurado por essa figura, é interpretado por Kraay⁹⁸ e outros como um vaso contendo libações que o herói epônimo derrama pelo bem-estar da cidade. O fuso, que algumas vezes também aparece, simboliza a próspera fabricação de lã de Tarento. No contexto de outras moedas com marcas distintas que as identificam com Taras, o herói epônimo e filho de Poseidon, a figura sentada pode realmente ser Taras. Isso coincidiria com o ofuscamento de Falanto.

Em suma, Falanto, seja uma figura histórica ou não, parece ter recebido alguma forma de culto em Tarento, mas nós não podemos ter certeza de qual a sua natureza exata ou se ela era estritamente análoga a outros cultos a oikista. O fato dele não ter possuído uma tumba pode explicar a ausência de um culto heróico de tipo ctônico; essa talvez seja a razão porque Justino chama seu culto de *divinos honores*. Isso também ilustra a relativa insignificância de Falanto, especialmente em comparação a Taras, o herói epônimo. É possível, claro, que a tradição de seu exílio e morte em Brentesion forneça a razão histórica do porque disso. É interessante, porém, que a visão histórica dos membros mais

92 Nem todo herói epônimo era necessariamente um oikista; ver uma lista útil em Farnell (1921: refs. 110-206; cf. Malkin(1985).

93 Tara moderna, um pouco a oeste da cidade; Bérard (1957: 172 n.1); Paus.[X.10.8]; Dion. Hal.[XIX.1.3].

94 Lacroix (1965: 115ff.).

95 Serv. in Verg. *Aen.* III.551.

96 Wuilleumier (1939: 38), Corsano acredita em um processo inverso, a saber, uma ênfase tardia em Falanto.

97 Vlasto (1922); cf. Kraay (1976: 175); id. p. 203, n.3 para recuar a data para os anos 480 a.C.

98 Ibid.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		20 de 40									

tardios da comunidade acabou por requerer que os “restos mortais” de seu oikista estivessem localizados em sua própria ágora. Mais importante, embora a história em Justino seja provavelmente fictícia, ela articula o conceito de enterrar o oikista na ágora de sua colônia: a presença dos restos mortais assegurava a posse do sítio e, provavelmente, também fornecia proteção heróica.

Timésias: Abdera

Abdera é um caso interessante; seus colonos estabeleceram um culto a um oikista histórico (i.e., não epônimo) que não era o deles mesmos. Em nossa discussão anterior⁹⁹, nós notamos a passagem em Heródoto [I.168], na qual ele relata que os colonos de Teos prestavam honras a Timésias, o oikista da fundação de Clazomenes, cerca de 100 anos antes, que terminou com a expulsão dos colonos pelos trácios locais. As palavras de Heródoto supõem um costume contínuo (vũv) ...τιμὰς vũv ὑπὸ Τηίων ἐν Ἀβδήροισι ὡς ἦρωας ἔχει.¹⁰⁰

Essas honras constituem propriamente um culto ao oikista? A resposta parece ser afirmativa. A questão na história de Heródoto é que claramente os colonos de Teos não se consideravam os primeiros fundadores. Seu assentamento não se originou da mesma cidade-mãe, entretanto, a ação desses colonos não é necessariamente extraordinária. Aparentemente Timésias não foi indicado pela sua cidade-mãe¹⁰¹ e talvez fosse suficiente que, como os colonos de Teos, ele fosse um jônio. Se esse for o caso, atribuir a fundação de Abdera a Timésias serve como um ponto tanto de orientação histórica quanto de justificativa moral. Ainda é provável que, como sugerimos acima, o culto tenha sido fundado de acordo com as instruções dos délficos, que podiam então justificar como cumprido o oráculo de fundação original, que fora atribuído a Timésias.

Alguns podem opor-se e perguntar se os colonos de Teos simplesmente encontraram um culto local preexistente a Timésias em sua chegada? Isso não parece provável. Porque Timésias não foi enterrado em Abdera, sua sepultura não serviu como um foco de culto heróico. Mas mesmo se reconhecermos que nem todos os cultos heróicos precisavam de uma sepultura como condição necessária¹⁰², teríamos que admitir que Timésias não era um herói indígena e que os trácios que afugentaram sua colônia teriam sido as últimas pessoas a

99 Ver Cap. I pp. 54-56.

100 Cf. Foucart (1922: 132).

101 Ver n.99. A independência de Timésias dos colonos de Clazomenes não explica o culto dos colonos de Teos, mas pode facilitar nosso entendimento sobre o processo conceitual de sua adoção.

102 Cf. p. 201.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		21 de 40									

apoiar ou preservar esse culto.¹⁰³

O culto dos colonos de Teos era, portanto, um ato consciente e deliberado, por meio do qual eles associavam a si mesmos à fundação anterior e ao seu oikista. O culto que eles instituíram era comemorativo; seu sujeito, Timésias, era um oikista. É seguro, portanto, concluir que o culto a Timesias em Ábdera deva ser incluído na categoria de cultos ao oikista e compreendido como tal.

Como Tarento, Abdera também tinha um culto a um herói-fundador mítico, que parece ter existido paralelamente e, gradualmente, suplantou o culto a Timésias.¹⁰⁴ Nossa versão mais antiga da história de Abderos é a segunda *Ode* de Píndaro. Helânico descreve-o como um companheiro de Hércules.¹⁰⁵ Em Ps. Scymnus é o próprio Abderos o fundador.¹⁰⁶ Um culto heróico completo com os agones apropriados foi celebrado em honra a Abderos.¹⁰⁷ É possível ver nesse culto paralelo uma expressão do fenômeno de “pluralidade de oikistas” (que discutiremos abaixo), isto é, de uma tendência que toma forma nas tradições locais da colônia, a enfocar um único oikista, que é verdadeiramente da própria colônia.

Temístocles e Magnésia

A história e posição póstuma de Temístocles, o ateniense, na Magnésia do Meandro, contém elementos importantes do culto ao oikista. Após servir gloriosamente nas Guerras Persas, Temístocles viu-se como um fugitivo. Ele acabou na corte persa onde foi tratado com grande honra. O Rei dos Reis deu-lhe a “Magnésia do Meandro para o pão ... para o vinho, Lâmpsako ... e Myos para carne”; cada uma dessas cidades que ele governou tinha uma reputação proeminente sobre seu respectivo produto mas, além disso, a lista indica os quarteis de Temístocles (uma vez que o pão é o principal item de sua refeição).¹⁰⁸

Após sua morte um “monumento” (μνημεῖον) foi erigido para ele na Magnésia. Ele estava situado na ágora.¹⁰⁹ Podemos ter certeza que Tucídides não quer dizer com μνημεῖον uma sepultura? Autores modernos afirmam que Tucídides é cuidadoso; Bétant traduz μνημεῖον como *monumentum*.¹¹⁰ A palavra

103 O *terminus post quem* de seu culto parece ser claramente a fundação dos colonos de Teos.

104 Sobre Abderos e os mitos de fundação ver Isaac (1986 77-78).

105 Steph. Byz. s.v. Ἀβδηρα *FGrHist* 4 F105; cf. Bérard (1960: 94s.).

106 664ff.

107 Servius sobre a *Eneida* I.756.

108 Tuc. [I.138.5] com comentário de Gomme *ad loc.*

109 *Ibid.*

110 E.g., Podlecki (1975: 177); cf. Lenardon (1978: 210); Bétant (1843-1847: s.v.).

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		22 de 40									

tem algumas vezes, no entanto, a conotação de um memorial para o morto ou mesmo um local de enterramento.¹¹¹ Na passagem citada abaixo sobre o enterramento de Brasidas (p. 228) podemos notar duas coisas: (1) que *μνημεῖον* aparece expressamente como a consequência sentença prévia (*ἔθαψαν ἐν τῇ πολεί*); (2) que *μνημεῖον* se distingue, na mesma passagem, de *μνημόσυνον*¹¹² para Hagnon ainda em vida. Dentro do que sabemos essa comparação entre o uso de *μνημεῖον* nos dois casos (de Brasidas e Temístocles) ainda não foi feita; é provável, portanto, que Tucídides queira dizer uma “sepultura” quando diz que Temístocles tinha um *mnemeíon* na ágora de Magnésia. Que outra evidência possuímos? Plutarco, que estava bem familiarizado com o caso e a tradição familiar dos descendentes de Temístocles devido à sua amizade com um deles, “Temístocles o ateniense”, afirma de fato que Temístocles teve uma tumba em Magnésia.¹¹³ Diodoro (provavelmente a partir de Éforo) fala tanto de um *funeral* (ou *enterramento*) e do *μνημεῖον* que ainda existia na sua época.¹¹⁴ Por conseguinte, temos fundamentos para afirmar que Temístocles possuiu uma sepultura (marcada por um monumento) na ágora de Magnésia.

Logo após a morte de Temístocles, surgiu a história de que seus ossos verdadeiros foram transferidos para a Ática e enterrados secretamente lá. Tucídides cita as amizades de Temístocles como as fontes dessa versão, embora aparentemente não acreditasse nisso totalmente.¹¹⁵ A historicidade dos fatos não é passível de comprovação, mas o sentimento sim: a história se espalhou rápido e foi recontada em uma certa quantidade de versões literárias, que Plutarco ataca.¹¹⁶ Algumas dessas autoridades literárias chegaram a identificar uma tumba de Temístocles no Pireu.¹¹⁷ Realmente, não devíamos nos surpreender que, no devido tempo, os atenienses se arrependeriam e começariam a lembrar com grande respeito do herói das Guerras Persas e arquiteto de sua própria grandeza naval. Seus descendentes, por exemplo, foram autorizados a instalar uma pintura dele no Partenon.¹¹⁸

Seja como for, o que quer que os atenienses tenham escolhido acreditar sobre a localização dos vestígios de Temístocles, na Magnésia ele era altamente reverenciado. Mas como? Não nos é dito expressamente que ele recebeu um

111 L.S.J. s.v. 2.

112 Bétant: (1843-1847) s.v. *μνημεῖον*; também, *monumentum*.

113 Plut. *Them.* 32.3 (contra Andocides e outros).

114 Diod. XI.58.a (seria somente até a época de Éforo?); ver Wachsmuth (1897:140); Podlecki (1975: 177 n.3). Cf. acima, sobre *taphé*.

115 Tuc. *Loc.cit.* com discussão de Gomme.

116 *Loc.cit.*; cf. Paus.I.1.2; Aristóteles *NH* VI.15 569b 12; Nepos *Them.* 10.3.

117 Para uma discussão do monumento no Pireu, ver Podlecki (1915: 178); Frost (1980: 234-235).

118 Paus. *loc.cit.*

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		23 de 40									

culto.¹¹⁹ Seria porque ele na verdade não o recebeu ou porque nossas fontes esparsas falham em mencionar um culto? Se nós considerarmos Temístocles um oikista de qualquer maneira precisamos discutir essa questão. Os descendentes de Temístocles continuaram a desfrutar de uma posição de honra e mesmo de poder verdadeiro na Ásia Menor. Seu sobrinho, Phrasikles, tomou toda a província.¹²⁰ Cerca de cinco séculos mais tarde, os descendentes de Temístocles ainda desfrutavam certas *timai* na Magnésia, o que significava dividendos verdadeiros. Plutarco é uma testemunha. Ele estudou com um deles na escola de “Ammonios, o Filósofo”.¹²¹

Sobre a presença e culto de Temístocles na Ásia, também temos alguma evidência numismática, que pode ser usada como corroboração, mas não de modo independente. Uma moeda de Antonino Pio (segunda metade do século II d.C. com seu busto no anverso), da Magnésia, mostra sobre o reverso um “homem nu de presença imponente, com barba curta, usa uma coroa ou fita na cabeça, cujas pontas caem sobre o pescoço. Ele está em pé, voltado para esquerda, diante de um altar circular em chamas. Em sua mão direita, que está estendida sobre o altar, ele segura um prato (pátera) com o qual faz uma libação ... com sua mão esquerda ele agarra a empunhadura da espada, que pende em uma bainha do seu lado esquerdo. No pé do altar está a vítima morta do sacrifício, com a cabeça esticada e boca aberta, - um bisão asiático (*zebu*).¹²² O nome Temístocles está inscrito próximo da figura em pé (as letras maiores fornecem o nome do magistrado). O editor original, Rhousopoulos, pensava que a moeda representava a estátua de Temístocles no mercado. A estátua, ele deduziu, comemorava a cena do suicídio de Temístocles ao beber o sangue do touro. A história do sangue do touro, entretanto, é um mito.¹²³ Podlecki está certo em questionar a hipótese de os magnésios terem optado por comemorar Temístocles no ato de cometer suicídio.

A maioria dos acadêmicos modernos adota a explicação oposta, a saber, que o mito do suicídio por beber sangue de touro se desenvolveu como uma interpretação da estátua. Essa teoria foi apresentada pela primeira vez por C. Washsmuth¹²⁴ e detalhada por P. Gardner.¹²⁵ Esse último, na verdade, afirma que

119 Cf. Nilsson *GGR*⁴ 719.

120 Plut. [Tem. 32.2].

121 Plut. [Tem. 32.5].

122 Rhousopoulos (1896: 21d) (o editor original). A passagem é citada de B. Perrin por Podlecki (1975: 170). Para representações, *ibid.* prancha C.

123 Aristófanis, *Cavaleiros* 83 e *scholia* ver Podlecki (1975: 171); Lenardon (1978: 197f.).

124 *Op. cit.* 140-143.

125 Gardner (1898: 21-23) lê no plural, *statuae*, no texto de Nepos. Que foi corrigido por Fleckeisen citado em *OCT*, ed. E. O. Winstedt.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		24 de 40									

o “grupo das estátuas” representa um culto heróico para Temístocles como um “herói cívico ou oikista”. A libação e o touro são elementos comuns nos cultos heróicos gregos. Podlecki apresenta outras moedas da Ásia Menor que mostram Apolo segurando uma pátera e realizando um sacrifício diante de um altar.¹²⁶

Essa teoria é tentadora, mas é preciso cuidado. O ponto crucial desse argumento é que a moeda representa uma estátua de verdade ou um grupo de esculturas, supostamente aquela situada na ágora de Magnésia. Essa teoria se baseia em Nepos: *Huius adnostram memoriam monumenta manserunt duo: sepulcrum prope oppidum, in quo est sepultus, statua in foro Magnesia*.¹²⁷

A moeda representar uma estátua que realmente existiu é apenas uma hipótese. Uma outra complicação é que nós não temos certeza a qual *fórum* Nepos se refere. Em 399 a.C., os magnésios mudaram levemente o sítio de sua cidade, para a área ao redor do templo de Ártemis.¹²⁸ Nepos (e Diodoro) se referem à ágora antiga ou à nova? Provavelmente, à mais tardia. Isso pode significar que os magnésios reconstruíram (ou transferiram?) a estátua de Temístocles, ou, mais provavelmente, que um monumento totalmente novo foi construído na nova ágora.

Nepos também apresenta outra complicação com *sepulcrum prope oppidum...*: o que podemos entender por *oppidum*? Perto de que lugar ele foi enterrado? Podlecki¹²⁹ presume que signifique *Magnésia*, por isso uma estátua no mercado e uma sepultura nas fronteiras da Magnésia. Essa interpretação, é claro, apresenta uma outra dificuldade: se Nepos se refere a uma nova ágora, então a sepultura nas fronteiras pode simplesmente significar uma sepultura na antiga ágora. Os magnésios não se mudaram para longe e a antiga ágora pode facilmente ter sido considerada a fronteira (*prope*) do novo sítio da cidade.

No entanto, nenhuma das possibilidades pode ser verdade, uma vez que *oppidum* pode não se referir a Magnésia, mas a Atenas. Nepos pode estar fazendo uma distinção entre um *μνημεῖον* em Magnésia e uma tumba em Atenas, uma distinção cuja origem pode ser encontrada em Tucídides. O próprio Nepos segue de perto a narrativa de Tucídides sobre a morte de Temístocles, como ele mesmo afirma.¹³⁰ Nós consideramos a terceira possibilidade como a mais provável e a noção de Podlecki a menos provável (porque os magnésios enterrariam Temístocles perto da sua cidade? O oposto é afirmado por todas

126 Podlecki (1975: 171 n.12).

127 *Loc. cit.*; ver acima nota sobre *statua*.

128 Diod.[XIV.36.3]; Lenardon (1978: n. 314); cf. acima, p. 163.

129 P. 177.

130 *Loc. cit.*

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		25 de 40									

nossas fontes).

Para resumir esse ponto, a moeda pode representar uma ou mais estátuas de Temístocles na ágora. A estátua pode representar um culto ao oikista. Em qualquer caso, nós não sabemos quando isso começou: o culto, se houve um culto, deve ter começado imediatamente (ou em um ano) após a morte de Temístocles. A estátua pode ter sido erigida mais tarde. A moeda em si, entretanto, é tardia demais para carregar todo o peso da evidência de um culto heróico para Temístocles, e sua interpretação é muito sujeita a dúvidas. Ela pode servir apenas para corroborar evidências mais sólidas, que, se pudessem ser encontradas iriam, certamente, ser bastante significativas.

Nós acreditamos que essa evidência existe, mas recebeu muito pouca atenção nesse contexto.

Um decreto de *proxenia* de Lâmpsako (ca. 200 a.C.) dá ao beneficiário desconhecido os mesmos privilégios que foram dados ao filho de Temístocles, Kleofanto e aos seus descendentes. Também é feita uma menção ao festival anual a Temístocles:

[-ἐν δὲ τῇ ἑορτῇ] τῇ Θεμιστοκλεῖ [ἀγομένη
 δι' ἐνιαυτοῦ εἶναι πάντα ἀ[ὐτῶ
 τὰγαθὰ ἃ ἐδόθη]σαν Κλεοφάντῳ κ[αὶ
 τοῖς ἀπογόνοις].¹³¹

No festival para Temístocles que acontece anualmente, deveria haver para este todos os *ágatha* que foi concedida a Kleofanto e seus descendentes.

Essa inscrição é geralmente discutida por historiadores modernos¹³² em um dos seguintes contextos: (1) o presente persa para Temístocles era genuíno ou fictício? Quais são as implicações sobre a Liga de Delos e a associação de Lâmpsako? ou (2) a restituição e posição dos descendentes de Temístocles em Atenas.

As duas na verdade são interligadas, pois a volta de Kleofanto a Atenas está ligada à sua associação à Liga. J.K. Davies, seguindo uma “conjectura” dos autores das *Listas de Tributos Atenienses*, afirma que “em sua volta para Atenas, Kleofanto renunciou ao seu direito duvidoso sobre os rendimentos de Lâmpsako – ou confirmou o ato pretendido por seu pai¹³³ e, em retorno, recebeu

131 Lolling (1881:103-105) linhas citadas: 12-15; cf. Bauer e Frost (1966: 97-98).

132 *ATL* III pp. 112-113; Davies (1971: 218); Podlecki (1975: 206); Lenardon (1978: 149).

133 Alegada no espúrio [Them.] *Epist.* XX p.761 (Hersche), i.e., remetendo o tributo de Lâmpsako e libertando-a.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		26 de 40									

de Lâmpsako as honras de um benfeitor”. Ninguém duvida que Kleofanto retornou a Atenas, como Platão parece corroborar.¹³⁴ Nós concordamos com Podlecki¹³⁵, entretanto, sobre Davies estar errado em desconsiderar a inscrição de Lâmpsako tão facilmente; mas Podlecki não fornece uma razão.

Deve ficar claro que os rendimentos e honras que Kleofanto recebeu foram derivados e ele mesmo não os recebeu. Apesar do problema histórico sobre a incorporação de Lâmpsako à Liga de Delos (que ocupa os autores do *ATL*), a causa dessas honras devem ser abordadas separadamente. Kleofanto não é mencionado como benfeitor ou outra coisa. No entanto, a razão verdadeira nos é fornecida no contexto do texto completo da inscrição: o festival anual para Temístocles. Parece que ἀγαθά devem ser estabelecidos durante o festival (ou decretados então), e as honras a Kleofanto na verdade se seguiram.

Além disso, Kleofanto não parece ter governado Lâmpsako em nenhum momento (Phrasikles, o sobrinho, recebeu a posição de poder).¹³⁶ Também é possível inferir, a partir de Platão, que Kleofanto não era um homem muito brilhante e que sua excelência se resumia à equitação. Ainda é possível que ele tenha residido em Lâmpsako por um tempo e, aparentemente, ele também tivesse alguma propriedade. Mas as honras decretadas para ele mesmo deviam-se a seu pai. Não havia um festival para Kleofanto, apenas para Temístocles.

O fato dele residir em Atenas em algum momento também não deve nos perturbar muito. Não devemos supor que ele tenha tido que desistir de qualquer rendimento e não há necessidade de ver implicações políticas em uma situação por demais simples e pessoal, como encontramos no *ATL* e em Davies. Nós lembramos do amigo de Plutarco, “Temístocles, o ateniense”, obviamente um residente de Atenas que, cerca de seis séculos após a morte de Temístocles, continuava a receber os rendimentos de Magnésia. *A fortiori*, então, Kleofanto pode facilmente ter continuado a desfrutar do status privilegiado de um descendente embora residisse (temporariamente?) em Atenas. O mesmo ocorreu provavelmente com seus descendentes.

Seja como for, o ponto crucial da nossa investigação é o festival (mais antigo?) para Temístocles, porque festivais implicam em culto. Entretanto, Lâmpsako foi dada a Temístocles: apenas “pelo vinho”. Para o pão ele recebeu a Magnésia, que era a mais importante das três e fornecia 50 talentos por ano.¹³⁷ Se considerarmos por si só toda a evidência discutida acima – os monumentos ou

134 Meno 93e cf. Plut. [*Them.* 32.1]. Cf. Frost (1980: 232).

135 P. 206.

136 Plut. [*Tem.* 32.2]; ele tomou toda a província. Phrasikles era o filho do irmão de Temístocles. Frost, *op.cit.*

137 Tuc. *loc. cit.*

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		27 de 40									

tumbas; sua localização na ágora; a representação na moeda – isso indicaria um culto. Mas junto à inscrição de Lâmpsako podemos argumentar com segurança que, se Temístocles recebeu um certo culto lá, então a *fortiori* ele também recebia esse culto em Magnésia do Meandro.

Esse culto contém elementos de um culto ao oikista, como Gardner o chamou. Temístocles: não era propriamente um oikista, mas essa aplicação de um culto ao oikista, embora interessante em si, também indica o modelo do qual foi adotado. Nós sabemos muito pouco sobre esse modelo *per se*; os casos excepcionais, como os de Brasidas e Temístocles, nos ajudam a compreender mais a esse respeito. Temístocles, portanto, deve ser incluído entre os casos de oikistas e pode ser usado para corroborar outros elementos do culto ao oikista que foram mencionados acima.

Anfípolis entre Hagnon e Brasidas

Em 424 a.C., o general espartano Brasidas realizou uma expedição militar sem precedentes que resultou na tomada de Anfípolis, uma cidade no rio Strymon (*Strymon*) na Trácia e, anteriormente, uma possessão de Atenas. Sua perda também marcou o fim da carreira militar de Tucídides e levou ao seu exílio. Não é de espantar, portanto, que podemos considerá-lo um observador particularmente afeito e interessado em relação a tudo que diz respeito a Brasidas.

Brasidas morreu em 422 a.C. lutando contra Kleon, que também perdeu a vida na empreitada contra Anfípolis. A descrição do tratamento religioso do falecido Brasidas é muito importante para compreendermos o culto ao oikista (Brasidas foi postumamente intitulado um “oikista”) particularmente porque, pela primeira vez, um historiador antigo, na verdade, devotou tempo para descrever em detalhe os procedimentos religiosos:

(Thuc. V.11.1) Μετά δὲ ταῦτα τὸν Βρασίδαν οἱ ζύμμαχοι πάντες ζὺν ὄπλοις ἐπισπόμενοι δημοσίᾳ ἔθαψαν ἐν τῇ πόλει πρὸ τῆς νῦν ἀγορᾶς οὐσης· καὶ τὸ λοιπὸν οἱ Ἀμφιπολίται, περιεΐρξαντες αὐτοῦ τὸ μνημεῖον, ὡς ἦρωί τε ἐντέμνουσι καὶ τιμὰς δεδώκασιν ἀγῶνας καὶ ἐτησίους θυσίας, καὶ τὴν ἀποικίαν ὡς οἰκιστῆ προσέθεσαν, καταβαλόντες τὰ Ἀγνώνεια οἰκοδομήματα καὶ ἀφανίσαντες εἴ τι μνημόσυνόν που ἔμελλεν αὐτοῦ τῆς οἰκίσεως περιέσεσθαι, νομίσαντες τὸν μὲν Βρασίδαν σωτήρᾳ τε σφῶν γεγενῆσθαι καὶ ἐν τῷ παρόντι ἅμα τὴν τῶν Λακεδαιμονίων ζυμμαχίαν φόβῳ τῶν Ἀθηναίων θεραπεύοντες, τὸν δὲ Ἄγωνα κατὰ τὸ πολέμιον τῶν Ἀθηναίων οὐκ ἂν ὁμοίως σφίσι ζυμφόρως οὐδ' ἂν ἠδέως τὰς τιμὰς ἔχειν.

Depois disso, todos os aliados, com suas armas, sepultaram Brasidas publicamente dentro da cidade, na frente do que hoje é a ágora. E, a

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		28 de 40									

partir de então, os de Anfípolis, tendo cercado seu monumento com uma delimitação sagrada, passaram a adorá-lo como herói e a honrá-lo: agones anuais e sacrifícios. E eles transferiram a colônia para Brasidas como *oikista*, demoliram a *Hagnóneia* e obliteraram (ou: “apagaram”) qualquer coisa que, se sobrevivesse, tivesse a chance de ser um memorial da fundação de Hagnon; porque, de um lado, eles consideravam Brasidas como seu salvador e também no presente, temendo os atenienses, eles tentavam conseguir a aliança dos lacedemônios; por outro lado, devido à guerra contra os atenienses, não era benéfico para eles mesmos, da mesma maneira <quer “como antes”, ou “como as honras para Brasidas seriam”> nem suficientemente gratificante que Hagnon recebesse as honras. (ou, tomando ἡδeweς com respeito a Hagnon: “ao passo que Hagnon ... não iria ... receber suas honras, quer como benefício para eles próprios quer como prazer para si mesmo”).

Essa passagem descreve as ações do povo de Anfípolis em relação a Hagnon e a Brasidas. Tucídides mantém um equilíbrio delicado entre os dois em uma frase bastante longa, que enfatiza de um lado o que foi negado a Hagnon e, do outro, o que foi concedido a Brasidas.

A cerimônia de funeral público é descrita no contexto de conferir o título, *oikista*, a Brasidas, ao invés de Hagnon. Brasidas recebe um sepultamento dentro da cidade, num local central. Não está totalmente claro onde: a ágora, que Tucídides menciona como “na frente” da tumba, pode não ter sido a ágora em 422 a.C., uma vez que Tucídides insere vūv (“agora, hoje”).¹³⁸ Qualquer que seja o caso, a ênfase de Tucídides sobre uma tumba dentro da cidade em um local proeminente é clara.

Podemos apontar os seguintes elementos nessa passagem que parecem ser as características mais importantes do culto ao *oikista*:

- (1) Um funeral público ou estatal;¹³⁹
- (2) Uma tumba monumental e uma delimitação sagrada dentro da cidade;
- (3) Um culto heróico contínuo (certamente na tumba);
- (4) “Honras” anuais, isto é, agones e sacrifícios.

Os dois últimos precisam de mais comentários. Apesar da ως ἥρω explicita, Gomme em seu comentário evita o significado direto da passagem: “quer sacrifícios a Brasidas como um deus (não um herói) ou, mais provavelmente, festivais anuais em sua honra (ou para celebrar a liberação) em que sacrifícios aos deuses eram realizados; pois ἐντέμνουσι e θυσίαι, presumivelmente são utilizadas em seus sentidos ordinários diferentes”. É verdade que o verbo

138 Cf. Gomme (1956: Vol. II *ad loc.*).

139 Ver em geral Cap. V e Habicht (1956: 147 ss.).

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		29 de 40									

ἐντέμνειν tem um significado específico nos cultos heróicos (que envolvem uma oferenda de sangue);¹⁴⁰ ele se distingue do tipo de sacrifício sugerido em θυσία mas esse último termo é muito mais utilizado, frequentemente em contextos de sacrifício estatal. Mas não há necessidade de interpretar a diferença como uma antítese. Quando Aristóteles menciona o culto concedido especificamente a Brasidas, ele o chama θύειν Βρασιδῶ (não ἐντέμνειν).¹⁴¹ Nós consideramos que θυσία seja apenas o termo mais geral.¹⁴²

Nós também propomos que a menção em separado de *thusiai* pode ser explicada pela distinção que não é antitética, mas meramente uma justaposição: de um lado temos o evento anual com sacrifícios estatais em uma grande escala e jogos e, de outro, o culto continuado. Isso também explica a diferença nas frases: ἐντέμνουσι, um contínuo, ação presente; δεδώκασιν (τιμᾶς) – uma decisão de prestar honras a Brasidas, i.e., um ato perfeito cujos resultados são duradouros.¹⁴³ Por isso, Brasidas, como Antífemo em Gela¹⁴⁴ e presumivelmente outros oikistas também, recebiam tanto um culto solene anual estatal e uma adoração popular contínua.

O comentário de Aristóteles (um exemplo do tópico *nomo-physis*) também é importante a esse respeito, porque ele testemunha a continuidade (e notoriedade) do culto a Brasidas até a sua época.

Vamos então discutir o que o povo de Anfípolis negou a Hagnon.

(1) o título de oikista foi tirado dele. Mudanças de oikistas não eram comuns mas tinham precedentes: em 729 a.C., os homens de Catânia negaram a Thoukles o título e escolheram um oikista entre eles mesmos, Euarchos.¹⁴⁵ Também na primeira década do século V a.C., Hipócrates se tornou um segundo fundador de Camarina.¹⁴⁶ Nós também propusemos que uma mudança de oikista ocorreu em Apolônia Ilíria na qual o título foi provavelmente negado a Gylax e transferido ao próprio Apolo.¹⁴⁷ Um problema semelhante era evidente em Túrio, em que o problema do culto (ou de quem o merecia) se tornou agudo.¹⁴⁸

(2) *Hagnóneia*: é quase certo que Hagnon estava vivo na época e

140 Rudrardt (1958: 285-286; 257-272); ver em detalhe Casabona (1966: partes III, VI).

141 [*Eth. Nic* 1134b 23].

142 Ver n.140 acima; ver também p. 193.

143 τὸ λοιπρόν, claro, se refere a ambos.

144 Ver p. 194; p. 259-260.

145 Tuc. [VI.3.3]. Ver p. 257.

146 Tuc [VI.5.3].

147 Ver p. 87-88.

148 Ver p. 254-256.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		30 de 40									

que ele não residia em Anfípolis. Esse fato em si deve ter parecido aos colonos, a maioria dos quais não era ateniense¹⁴⁹, uma ofensa religiosa.

Já foi proposto que a transferência das relíquias de Rhesos por Hagnon tinha em parte uma intenção de compensação por essa ofensa.¹⁵⁰ Nós observamos que Brasidas já estava em Anfípolis desde 424 a.C. e que somente após a sua morte ele foi considerado oikista e recebeu um culto de oikista.¹⁵¹ O fato dele estar morto e Hagnon vivo provavelmente facilitou a mudança.

Também está claro que, todos os objetos associados a Hagnon (ver abaixo) foram destruídos após a sua morte, eles tinham permanecido intactos durante os dois anos da presença de Brasidas em Anfípolis. Podemos supor que o general espartano não tinha intenções de se tornar oikista e, como resultado, nenhuma ação contra a *Hagnóneia* foi empreendida antes de sua morte.¹⁵²

Está claro que o povo de Anfípolis associava a *Hagnóneia* e o quer que seja que eles destruíram também como inseparavelmente ligado ao *status* de Hagnon como oikista. O que eram as *Hagnóneias*? Tucídides escreveu Ἀγηώνεια οἰκοδομήματα literalmente, “estruturas hagnoneias”, ou “edifícios”. De acordo com Gomme, elas eram edifícios públicos nomeados a partir do oikista. Isso é possível, porém ainda vago. Teríamos que supor que os anfilopolitanos teriam infligido uma destruição maciça sobre si mesmos; seu caráter provavelmente era destrutivo, mas daí a terem alcançado um grau desses é difícil de aceitar. Foi proposto que Hagnon tinha um *herôon* em Anfípolis;¹⁵³ mas os *heroa* são geralmente nomeados no singular, por exemplo, o *Theseion* ou, no contexto de um culto ao oikista, *Arateion*.¹⁵⁴

Nós sugerimos um paralelo: quando Címon morreu em Cítio em Chipre, seus restos mortais foram trazidos à Ática. As evidências sobre isso, como narrou Plutarco, são “os monumentos até hoje chamados *Kimóneia*”.¹⁵⁵ Plutarco

149 Tuc. [IV.103.3]. Ver Graham (1971: III esp. 39) sobre os oikistas não residentes no final do século V a.C.

150 Ver p. 81 ss.

151 Brasidas também tinha um cenotáfio em Esparta [Paus. III.14.1], mas não se conhece nada sobre um culto.

152 Steup, que acredita que Hagnon estava morto naquela época (ver crítica em Gomme), usa isso para argumentar que as honras não teriam sido observadas a um inimigo ativo entre 424-422 a.C. (*Hagnoneia* = *herôon*). Isso é circular; ninguém diz que houve um culto ativo a Hagnon durante esses dois anos, apenas que os memoriais que o celebravam (provavelmente inscrições – ver abaixo) tiveram permissão de permanecer (quer Hagnon estivesse morto ou vivo na época – ver abaixo). A desculpa de Gomme de que “os gregos podiam fazer coisas estranhas com seus deuses e heróis” é, portanto, desnecessária.

153 Steup *ap.* Classen *ad loc.*

154 Cf. p.236.

155 Plut. [Cim. 19.4]; cf. Marcell. *Vit. Tuc.* 27; 48; Suidas, s.v.κίμύωνεια.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		31 de 40									

também acrescenta que em Kition, Címon era adorado como herói em uma “certa tumba”. A forma plural é significativa, pois ela mostra como monumentos funerários podem ter sido considerados mais de uma única unidade. Nós propomos, portanto, uma interpretação diferente do texto de Tucídides: o que os habitantes de Anfípolis destruíram não foram seus próprios edifícios públicos mas os monumentos de culto a Hagnon. A Ἀγώνεια οἰκοδομήματα funciona de maneira análoga à Κιμόνεια μνήματα; o μνημεῖον a Brasidas como um herói, que está sendo construído, é contrastado aos monumentos de Hagnon, que estão sendo destruídos. Pode parecer ousado sugerir que Hagnon recebia um culto enquanto ainda estava vivo, mas a esse respeito ele pode ter pressagiado Lisandro e Agesilao.¹⁵⁶ Parece claro que Tucídides diz que as *timai* heróicas de Brasidas foram simplesmente transferidas para ele de Hagnon e que essas *timai* eram as *timai* devidas a um oikista, a saber – *timai* heróicas. Também, de acordo com a segunda tradução possível da última frase, “ao passo que Hagnon ... não iria ... receber suas honras, quer como benefício para eles mesmos ou com honra para si mesmo”, claramente sugere que até então (ou ao menos até 424 a.C.) Hagnon recebia um culto ativo. De outra maneira, que prazer lhe está sendo negado? A maioria dos intérpretes dessa frase, como afirma Gomme, na verdade prefere essa possibilidade mas sem a implicação de um culto a Hagnon vivo.¹⁵⁷ Nossa interpretação permite, portanto, uma leitura mais concreta para ἦδεως.

Essa interpretação tem a vantagem extra de permitir que entendamos ἀφανίσαντες de modo mais preciso. A palavra é geralmente traduzida como “apagado”, mas isso é muito vago e implica uma auto-destruição improvável da parte do povo de Anfípolis. Invés disso, sugerimos traduzir *aphanisantes* simplesmente como “apagando”¹⁵⁸, que é o seu sentido direto, de qualquer maneira; o que os anfiopolitanos fizeram não foi demolir edifícios cívicos importantes, mas apagar as inscrições empreendidas por Hagnon para celebrar a si mesmo, i.e., inscrições que podem ter servido como uma verdadeira μνημόσυνα de sua fundação. O uso desse verbo ἀφανίζω é utilizado em paralelo por Tucídides ao relatar como uma inscrição com o nome do tirano Hípias em um grande altar público na ágora de Atenas foi apagada: “o povo de Atenas ... apagou a inscrição no altar ¹⁵⁹. Tanto Hípias quanto Hagnon sofreram, portanto, uma espécie de

156 Habicht (1956: 3 ss.) para Lisandro.

157 À exceção de Steup que (erroneamente) considera Hagnon morto. Mesmo que alguém não aceite essa noção de um culto para Hagnon ainda vivo, não deve haver razão para negar que esses monumentos foram preparados anteriormente, antes da morte do fundador, como parte do ato de fundação de Anfípolis pelo general Hagnon. Cf. Thuc. [IV.102.3-4].

158 Cf. Bétant (1843-7: s.v.).

159 Tuc. [VI.54.7].

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		32 de 40									

damnatio memoriae grego.¹⁶⁰

Sicione e os casos tardios

A história de Sicione fornece alguns poucos casos (alguns dos quais inter-relacionados) de cultos que foram estabelecidos nos moldes do culto ao oikista. Embora tardios (Clássico e Helenístico) e não coloniais, esses casos podem fornecer mais informações e corroboração das práticas anteriores. Para comparação, alguns outros exemplos relevantes de outras partes do mundo grego também serão mencionados.

Em 366 a.C., Eufron foi assassinado pelos oligarcas exilados de Sicione enquanto acompanhava uma embaixada a Tebas. Os tebanos ficaram aparentemente aliviados; “seus próprios cidadãos, no entanto, que consideravam-no um bom homem, trouxeram-no para casa, o enterraram na ágora e lhe concederam honras devotadas, como fundador de sua cidade – tanto é verdade, como parece, que a maioria das pessoas define como bons homens seus próprios benfeitores”.¹⁶¹

Eufron, como Brasidas, não era um oikista de verdade. Mas ele foi um “fundador” de uma ordem social, portanto um oikista por extensão. Suas honras são, assim, comparáveis às honras prestadas aos legisladores. O sepultamento na ágora, que é análogo ao de um arquegueta, também é digno de nota.¹⁶² O culto também parece ter sido perpétuo (i.e. anual), o que aparece no tempo de σέβονται.

Eufron pode ser comparado a outro desses “arquequetas” que também foi sepultado na ágora de sua cidade (e também talvez tenha recebido um culto): Arriano menciona que os oligarcas de Éfeso escavaram os restos mortais de Herophytos, o “libertador” da cidade. Mais uma vez, então, temos um caso de status estendido de oikista.¹⁶³

Um homem com uma notoriedade mais apropriada ao título de oikista era Epimelides, o líder da refundação messênia de Korone (371 a.C.), que também foi responsável pelo nome da cidade. Não sabemos mais nada sobre ele do que sua posição póstuma: ao descrever os monumentos na ágora, Pausânias acrescenta: “Eu também vi a sepultura de Epimelides”. O contexto torna quase

160 Lévêque e Vidal-Naquet (1964: 72-73) perceptivamente chamam a ação contra Hípias [Tuc. VI.54.7] *damnatio memoriae*.

161 Xen. *Hell.* [VII.3.12] (tr. Brownson, Loeb). Sobre seus defensores ver Griffin (1982: 70-74).

162 Ver p. 200 ss.

163 Arriano *Anab.* I.1.7.11; cf. Foucart (1922: 138).

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		33 de 40									

certo que a localização era a ágora. Nós não sabemos quando ele morreu; é interessante notar que Eufron e Epimelides eram contemporâneos.¹⁶⁴

Outro contemporâneo era Podares, “que foi morto, dizem eles, na batalha contra os tebanos sob as ordens de Epaminondas”. Ele também, recebeu um sepultamento na ágora (de Mantineia) ou ao menos um santuário de herói ali. Seu culto ainda existia na época de Pausânias.¹⁶⁵

Em 213 a.C., quando a população de Sicione queria sepultar Aratos na ágora, eles tinham consciência que não podiam fazer isso porque a lei religiosa proibia. Eufron fora esquecido? A explicação é simples e fornecida por outro exemplo (intermediário) de um culto ao oikista em Sicione. Em 303 a.C., Demétrio Poliorceta mudou o centro da cidade para a acrópole, que fornecia mais segurança nos tempos mais perigosos. Ali ele estabeleceu um “governo livre” e daqueles a quem ele beneficiou “recebeu honras divinas... pois eles chamaram a cidade Demetrias e decidiram celebrar sacrifícios e festivais públicos e também jogos em sua honra todos os anos e conceder-lhe as outras honras de um fundador”.¹⁶⁶

A troca ambiciosa de nomes logo foi abandonada.¹⁶⁷ Podemos notar, entretanto, que a fundação original de Demétrio Poliorceta, a Demetrias da Tessália, manteve seu nome. Suas cinzas foram transferidas para essa cidade e foi ali que ele foi glorificado ativamente como fundador [Plut. *Dem.* 53] em um santuário comum de arquequetas e *ktístai* (i.e., que incluía os heróis locais antes do sinecismo de 293 a.C.). muito provavelmente Demétrio tinha uma posição proeminente nesse culto.¹⁶⁸

Em Sicione, Demétrio é explicitamente chamado de *ktístes*. A lista de honras anuais é convencional: (1) sacrifícios, (2) festivais públicos, (3) jogos, (4) e todas as “outras honras de um fundador” (uma categoria geral frustrante que recorre nas nossas fontes).

No entanto, há dois elementos que são excepcionais. O primeiro são as “honras divinas”, que são expressamente mencionadas. U. Kahrstedt¹⁶⁹ usa isso para sustentar sua tese que Demétrio não era honrado como um *ktístes*, mas como um deus, a partir do suposto modelo da posição de Alexandre na Liga Coríntia. Habicht descarta essa teoria muito facilmente ao mostrar que a “Liga

164 Paus. [IV.34.5-6]. Epimelides teria nomeado a cidade a partir de sua cidade natal na Beócia. Seu nome anterior era Apeia [Hom. *Il.* IX.152; 249]; cf. Frazer (1898: III 448); cf. Estrabão [VIII p. 360]. A refundação de Korone é comparável à refundação de Messina por Epaminondas, o contemporâneo de Epimelides. Ver p. 104-106.

165 Paus.[VIII.9.9].

166 Diod. [XX.102.3]; cf. Paus [II.7.1]; ver Habicht (1956: 74,75 n.4).

167 Griffin (1982: 78).

168 Habicht (1956: 76); *ktístes* e oikista: Casevitz (1985: esp. 68 ss; 101 ss).

169 *Göttingische Gelehrte Anzeiger* 195 (1933) 203.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		34 de 40									

Helênica” não foi constituída antes de um ano depois da refundação de Sicione, como Demétrias.

A explicação pode estar ligada ao segundo elemento incomum: que o culto de fundador que Demétrio recebia em Sicione era observado enquanto ele ainda era vivo. Essa é uma verdadeira ruptura da tradição: o culto heróico é por definição um culto aos mortos. Uma vez que as regras são quebradas, tudo fica solto: não há nada a admirar na apropriação das honras divina e heróica.¹⁷⁰ Ainda encontramos cultos póstumos genuínos “como a um fundador” na Grécia continental, mas o caso de Demétrio pode permanecer excepcional e pode fornecer apenas mais corroboração dos elementos do culto ao oikista. Esse culto era o modelo para Demétrio, que o tomou para si mesmo.

Provavelmente a realocação da cidade, que implica é claro uma nova ágora, foi a causa do problema religioso específico que surgiu quando Aratos faleceu em 213 a.C. Ele morreu em Aigion enquanto era estrategista da Liga Aqueia pela 17ª vez. Os aqueus queriam sepultá-lo naquele momento e ali. A população de Sicione, entretanto, insistiu que seu corpo fosse enterrado em sua própria cidade. “Eles tinham, no entanto, uma lei antiga que ninguém podia ser enterrado dentro das muralhas da cidade e a lei era sustentada por um forte sentimento supersticioso”.¹⁷¹ Apenas uma embaixada especial a Delfos e um oráculo interpretado de modo favorável poderia permitir que eles seguissem seus planos.

A mudança do sítio de Sicione parece ser uma explicação adequada do problema religioso. A Sicione antiga tinha tumbas de heróis míticos na sua ágora, como Adrastos e Melanipo¹⁷² e, é claro, Eufron. As cinzas de Demétrio Poliorceta foram depositadas na Demétrias da Tessália. Parece razoável concluir, então, que entre 303 a.C. (ao menos, senão desde 366 a.C.) não houve novas tumbas dentro dos muros da cidade; introduzir a tumba de Aratos teria sido uma novidade total e sem precedentes na nova ágora de Sicione. Isso explica a consciência arguta dos cidadãos sobre a antiga lei e sua necessidade de uma sanção especial.

O episódio ilustra o quão raro eram os sepultamentos dentro dos muros da cidade, mesmo no período Helenístico. Na verdade, honras a um *ktistes* eram concedidas de uma maneira crescente, mas geralmente a homens vivos; eles raramente eram associados a uma tumba.¹⁷³ Que o sentimento era vívido (e talvez mesmo de algum modo reacionário?) no século I a.C. está comprovado

170 De modo semelhante Cassandro em Cassandreia; Lisímaco em Éfeso; Habicht (1956: No. 14; No. 18).

171 Plut. [Arat. 53.2].

172 Hdt. [V.67]; ver abaixo, p. 237.

173 Habicht (1956: 169 n.14) para exemplos.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		35 de 40									

por uma carta que Servius Sulpicius enviou para Cícero em 31 de maio de 45 a.C. Nela, ele relata que os atenienses recusaram enterrar M. Marcellus (apesar de seu pedido explícito) dentro da cidade, embora ele admita que “esta era uma concessão que eles nunca haviam feito antes a ninguém”. (*Ab Atheniensibus, locum sepulturae intra urbem ut darent impetrare non potuit, quod religione se impediri dicerent; neque tamen id antea cuiquam concesserant*).¹⁷⁴

Políbio, uma fonte mais antiga, descreve brevemente as honras observadas a Aratos em Sicione: Eles lhe ofereceram sacrifícios (θυσίας) e honras heróicas (τιμὰς ἡρωικάς) e tudo em suma que contribui para imortalizar a memória de um homem.¹⁷⁵ A natureza exata de *thusiai* e de *timai heroikai* se torna clara quando examinamos a descrição detalhada de Plutarco (sempre uma fonte para o tratamento piedoso do ritual). Primeiro, a procissão funerária festiva e repleta de pessoas¹⁷⁶ que trasladou o corpo a Sicione é descrita. Então, ao escolher um lugar de comando, eles o enterraram ali, chamando-o oikista (*oikistés*) e salvador (*sotér*) da cidade.¹⁷⁷ Não é dito expressamente que Aratos foi enterrado na ágora, mas não há dúvida que esse era um ponto central dentro da cidade, como demonstra a necessidade da sanção délfica. *Sotér* agora é um título, mas talvez nesse caso ele tenha retido o mesmo significado original para os contemporâneos de Aratos em Sicione, e o que tinha para os anfipolitanos que sepultaram Brasidas mais de dois séculos antes.

O lugar do sepultamento se tornou um santuário de herói, que ainda existia na época de Pausânias.¹⁷⁸ Duas vezes por ano, todo ano, sacrifícios eram realizados para Aratos: uma vez no dia “em que ele libertou a cidade da sua Tirania” (a *Sotéria*), presidida pelo sacerdote de Zeus Sotér (um sacerdote estatal habitual). O outro, que era mais pessoal, ocorria no dia do aniversário de Aratos, presidido por um sacerdote especial de Aratos.¹⁷⁹ Na época de Plutarco, apenas “leves traços” das celebrações anuais ainda permaneciam.¹⁸⁰

Quão longe podemos ir ao deduzir práticas de culto a partir dessas descrições? Devemos ser cuidadosos e não deixar que tempo, circunstâncias e extensão conceitual de título, oikista, particulares nos enganem.

Podemos, entretanto, aceitar o quadro geral; por conseguinte, não devemos concluir, por exemplo, que o oikista teria possuído um sacerdote especial ou que os sacrifícios anuais em sua honra fossem celebrados no seu

174 Cic. *Ad. Fam.* [IV.12.3]; com Young (1951: 67-134). Cf. Acima, p. 200.

175 VIII.12; tr. Paton (Loeb).

176 Sobre isso ver Habicht (1956: 153).

177 Plut. loc. cit. tr. Perrin (Loeb).

178 Paus. [II.9.4]; cf. Plut. *ibid.*; Habicht (1956: 140 n. 12).

179 Discussão: Habicht (1956: 148 e n. 42).

180 Plut. *loc. cit.*; Habicht (1956: 131 n.4).

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		36 de 40									

aniversário. Por outro lado, as características gerais se aplicam: um *herôon*, um culto anual e uma tumba dentro dos muros da cidade.

Aratos recebeu um culto heróico, um fato atestado tanto por Políbio quanto por Pausânias. Esse é outro caso em que nós não precisamos nos preocupar muito com a diferenciação esquemática entre ἐναγίσματα (“para os heróis”) e θυσίαι (“para os deuses”). Tanto Políbio quanto Plutarco usam θύειν. De todos os lugares da Grécia, se essa diferença realmente tivesse importância, ela apareceria mais claramente em Sicione. A cidade tinha um culto duplo para Hércules, tanto como um deus quanto como um herói; em um contexto semelhante, Heródoto, como vimos¹⁸¹, define a diferença entre dois tipos de cultos para Hércules ao empregar θύειν e ἐναγίζειν, respectivamente. O uso de θυσίαι, então, não deve impedir a atribuição de um culto heróico para Aratos.¹⁸²

É importante manter uma certa precaução ao lidar com a evidência helenística e lembrar que é possível acessar com controle crítico (na medida a que os cultos ao fundador se referem) apenas formas externas e não significados deduzidos ou escondidos. Os siciônios parecem ter esquecido muito da sua própria história. Na verdade, uma das evidências mais antigas que temos sobre relíquias, culto heróico e enterramentos na ágora vêm de Sicione. Estamos nos referindo a Clístenes, o tirano do século VI a.C.¹⁸³

Heródoto narra que entre as tentativas de Clístenes de eliminar as conexões simbólicas entre a cidade-mãe de Sicione, Argos, ele tentou “expelir” o herói, Adrasto, “cujo santuário ficava, então, como agora na própria ágora de Sicione”.¹⁸⁴ A expulsão de um herói sugere provavelmente a remoção de seus ossos.¹⁸⁵ Delfos, cuja sanção foi buscada, proibiu isso. Clístenes então resolveu importar de Tebas o inimigo mítico de Adrastos, Melanipo (que estava enterrado em Tebas, mas fora dos muros da cidade)¹⁸⁶, e lhe deu um precinto no Pritaneu na ágora (i.e. a localização mais importante na própria ágora).¹⁸⁷ Além disso, os sacrifícios (θυσίαι) e festivais de Adrasto foram transferidos para ele. Para tudo isso, ele não parece ter precisado da sanção de Delfos.

Podemos, então ver o quão importantes eram as relíquias. Podemos também notar a graduação de importância: ossos enterrados fora dos muros da

181 Ver p.193.

182 Paus. [II.10.1]; cf. Nock (1944: 148).

183 Hdt. [V. 67]; cf. Foucart (1922: 84 ss).

184 ἡρώιον γὰρ ἦν καίῃστι ἐν αὐτῇ τῇ ἀγορᾷ τῶν Σικυωνίων Ἀδρήστου.

185 Comentário *ad. loc.* de How e Wells (1912). Adrastos também tinha um santuário em Mégara: Paus. [I.43.1].

186 Paus. [IX.18.1].

187 Cf. Paus. [I.43.2-3. 7]; para os sepultamentos no Pritaneu em Mégara. Cf. Piccirilli (1975: F19).

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		37 de 40									

cidade (os de Melanipo em Tebas) são justapostos a sepultamentos na ágora. Esse último também ajuda a constituir a identidade da cidade fornecendo um símbolo adequado à mesma. Que essa não é uma noção moderna aplicada aos gregos antigos está provado por Clístenes, o siciônio: pois foi, apesar de tudo, sua intenção asseverada de dar à sua cidade uma imagem nova e não argiva (daí também a mudança dos nomes tribais). De modo semelhante, podemos supor que essa foi parcialmente a razão dos enterramentos na ágora serem tão raros e tão importantes; o sepultamento do oikista na ágora é mostrado ainda mais uma vez¹⁸⁸, como um símbolo da identidade da pólis.

Cultos Siceliotas

Os verdadeiros precedentes para Demétrio Poliorceta e mesmo para a mudança deliberada de oikista em Anfípolis são encontrados no início do século V a.C., na Sicília. Existem alguns poucos casos atestados na Sicília de cultos heróicos realizados para homens proeminentes entre 478 a 336 a.C., três deles honram especificamente um oikista. Uma vez que estamos lidando com casos que pertencem todos à Sicília e uma vez que Diodoro é nossa principal fonte sobre os mesmos, é preferível discutí-los todos juntos.

Quando Gelon morreu em 478 a.C., ele recebeu a *timai heroikai* e lhe foi outorgada uma tumba notável. A tumba, em si, estava do lado de fora de Siracusa e as honras não são mencionadas como honras ao oikista.¹⁸⁹ De modo semelhante, seis anos mais tarde, seu sogro, Téron de Agrigento, recebeu ἡρωικαὶ τιμαί.¹⁹⁰ Em 476 a.C., o formidável siracusano Hiéron expulsou os habitantes de Naxos e Catânia e reassentou Catânia cujo nome ele mudou para Etna.¹⁹¹ Hieron foi celebrado por Píndaro como κλεινός οἰκιστήρ.¹⁹² Hagésias, seu *mantis*, como um συνοικιστήρ¹⁹³ Ele foi até parodiado por Aristófanes em *Aves* como κίστωρ Αἴτνας.¹⁹⁴ Aparentemente, ele tinha uma grande ambição de ser considerado um oikista; é interessante notar a asserção de Diodoro sobre os seus motivos.¹⁹⁵ Sobre a necessidade militar prática de reassentamento, Diodoro acrescenta:

Ele fez isso em uma busca ávida... por honras heróicas (i.e. culto) dessas inúmeras cidades fortes criadas [por ele mesmo].

188 Ver acima, p. 200 ss. Cf. Griffin (1982: 38).

189 Diod.[XI.38]. Sobre os exemplos siceliotas ver também *GGR4* 719.

190 Diod. [XI.53].

191 Diod. [XI.49]; cf. Bérard (1971: 86).

192 Pind. [*Píticas*, I.31]; cf. III. 169.

193 *Ibid.* [01. VI.6; cf. frg. 105.3].

194 [*Aves* 926].

195 Diod. [XI.49.2].

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		38 de 40									

Com efeito, foi em Catânia (o novo nome não vingou) que ele morreu em 467 a.C. “Ele recebeu honras heróicas como tendo sido o fundador da cidade”.¹⁹⁶ É raro conseguirmos esses registros que nos revelam quão importante era o *status* de um oikista. Observamos isso no caso de Xenofonte¹⁹⁷ e dos cidadãos de Túrio que competiam pelas *timai*.¹⁹⁸ Isso se tornará ainda mais aparente mais tarde, quando discutirmos a pluralidade dos oikistas e a eventual corrente em direção à exclusividade do título. Ser um oikista, como Hieron exemplifica, era uma ambição nobre; o desejo de receber um culto ao oikista era considerada uma razão suficiente para a expulsão da população de duas cidades e a criação de uma nova. Diodoro está em sua melhor forma ao lidar com sua ilha natal e devemos tomar sua afirmação seriamente – não como um vislumbre da mente de Hieron, mas como uma indicação do modo como suas ações e seus motivos eram percebidos.¹⁹⁹

Esses eventos tinham mais chance de acontecer na Sicília nessa época que em qualquer outro lugar do mundo grego. Camarina, por exemplo, foi fundada por Siracusa entre 598-595 a.C.; ela foi destruída 46 anos mais tarde, após uma revolta (552-547 a.C.).²⁰⁰ Ela foi finalmente dada a Hipócrates, o tirano de Gela, em 492 a.C.²⁰¹, como resgate por prisioneiros de guerra siracusanos. Ele “mesmo se tornou fundador e recolonizou Camarina”.²⁰² Alguns anos mais tarde, Gelon novamente retirou a população dali e recolonizou o local.²⁰³ Nós não sabemos, entretanto, de um culto ao oikista para Hipócrates; ele pode não ter tipo tempo suficiente.

Hieron teve, então, precedentes históricos locais, tanto em relação a receber honras heróicas quanto por recebê-las como oikista, isto é, com “justificativa”. O próprio exemplo de Hieron permite compreender Ducézio, o líder sículo que se impôs como um oikista nos moldes gregos.²⁰⁴

As honras a Hieron foram póstumas, e a esse respeito, ao menos, o culto permaneceu tradicional. A verdadeira ruptura com o passado ocorreu na metade do século IV a.C., quando *timai heroikai* foram conferidas a Díon. Ele ainda estava vivo naquela época e também era um general eleito com poder absoluto

196 Diod. [XI.66.4]. Ver também acima, p. 93-97.

197 Ver p. 102-104. *Anab.* V.6.17: sua alegada ambição: ὄνομα καὶ δῶναμιν.

198 Ver p. 98 e esp. abaixo, p. 254-256.

199 De fato, ele era um oikista que forneceu ao sítio um novo nome e uma nova população.

200 Tuc. [VI.5.3]. Sobre a cronologia Bérard (1971: 136).

201 Hdt. [VII.154.3]; Thuc. [VI.5.3]; Philistos *FgrHist* 556 F15 = *schol. ad Pind.* [01. V.19c].

202 Tuc. [VI.5.3].

203 Tuc. [VI.5.5]; Hdt. [VII.156]; Diod. [XI.76.5]; *schol. ad Pind.* [01. V.16]; 19; *schol. ad Aeschin. Ctesiph.* 186; Bérard *op. cit.* com n.4.

204 Ver p. 85 ss.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		39 de 40									

(356 a.C.).²⁰⁵

A mudança antecipou os cultos ao soberano helenístico. No entanto, isso não deve obscurecer nossa avaliação do último caso (20 anos depois) que novamente envolve um culto póstumo. Timoleonte, que faleceu em 336 a.C., foi grandiosamente glorificado pelos siracusanos por sua obra em vida: derrotar os fenícios e acabar com as tiranias. Em seu funeral, o arauto, Demétrio, leu o decreto do povo. O texto, exceto pela última frase, é quase idêntico em Diodoro e Plutarco:

‘Ο δῆμος ὁ Συρακουσίων Τιμολέοντα Τιμοδήμου Κορίνθιον τόνδε θάπτει μὲν διακοσίων μνῶν, ἐτίμησε δ’ εἰς τὸν ἅπαντα χρόνον ἀγῶσι μουσικοῖς, ἰππικοῖς, γυμνικοῖς, ὅτι τοὺς τυράννους καταλύσας καὶ τοὺς βαρβάρους καταπολεμήσας καὶ τὰς μεγίστας τῶν ἀναστάτων πόλεων οἰκίσας ἀπέδωκε τοὺς νόμους τοῖς Σικελιώταις.

Pelo povo de Siracusa, Timoleonte, filho de Timodemos, de Corinto, é aqui sepultado com verba pública de duzentas minas e é honrado para sempre com disputas anuais, de música, equestres e ginástica, porque ele derrotou os tiranos, dominou os bárbaros, repovoou a maior das cidades devastadas e, então, restaurou suas leis aos gregos da Sicília.²⁰⁶

²⁰⁵ Diod. [XVI.20].

²⁰⁶ Plut. *Tim.* 39 (tr. Perrin, Loeb). cf. Diod. XVI. 90: Κατὰ δὲ τὴν Σικελίαν Τιμολέων ὁ Κορίνθιος ἅπαντα τοῖς Συρακοσίοις καὶ τοῖς Σικελιώταις κατωρθωκῶς ἐτελεύτησε, στρατηγήσας ἔτη ὀκτώ. Ὡς δὲ Συρακόσιοι μεγάλως ἀποδεδεγμένοι τὸν ἄνδρα διὰ τε τὴν ἀρετὴν καὶ τὸ μέγεθος τῶν εὐεργεσιῶς μεγαλοπρεπῶς ἔθαψαν αὐτὸν καὶ κατὰ τὴν ἐκφορὰν ἀθροισθέντος τοῦ πλήθους τότε τὸ ψήφισμα ἀνηγόρευσε ὁ Δημήτριος ὃς ἦν μεγαλοφρονότατος τῶν τότε κηρύκων. ἐψηφίσται ὁ δᾶμος τῶν Συρακοσίων Τιμολέοντα Τιμαινέτου Κορίνθιον τόνδε θάπτειν μὲν ἀπὸ διακοσιᾶν μνᾶν, τιμᾶσθαι δὲ εἰς τὸν ἅπαντα χρόνον ἀγώνεσσι μουσικοῖς καὶ ἰππικοῖς καὶ γυμνικοῖς, ὅτι τοὺς τυράννους καταλύσας καὶ τοὺς βαρβάρους καταπολεμήσας καὶ τὰς μεγίστας τῶν Ἑλληνίδων πόλεων ἀνοικίσας αἴτιος ἐγενήθη τᾶς ἐλευθερίας τοῖς Σικελιώταις.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table>																	Os Fundadores e seus Cultos	Abr / 2009
labeca		40 de 40																

Plutarco acrescenta que ele recebeu um ταφή τοῦ σώματος (aqui claramente um sepultamento, não apenas um funeral) na ágora; mais tarde, quando o lugar se tornou um *gymnasium*, foi chamado *Timoleonteion*. Ele também recebeu os agones triplos anuais, mencionadas no decreto.²⁰⁷

Nota final

Foucart (1922: 135-136) argumenta que Diodoro faz uma distinção entre honras a um herói (isso se aplica a todos os casos em discussão aqui) e a atribuição verdadeira do título, *heros*. Ele baseou toda sua afirmação, entretanto, em Díon, que é claramente um caso excepcional.

²⁰⁷ Plut. *ibid.*: Ἐποιήσαντο δὲ τὴν ταφὴν τοῦ σώματος ἐν ἀγορᾷ, καὶ στοᾶς ὕστερον περιβαλόντες καὶ παλαίστρας ἐνοικοδομήσαντες γυμνάσιον τοῖς ἀνήκαν καὶ Τιμολεόντειον προσηγόρευσαν. αὐτοὶ δὲ χρώμενοι πολιτεία καὶ νόμοις οὗς ἐκεῖνος κατέστησεν, ἐπὶ πολὺν χρόνον εὐδαιμονοῦντες διετέλεσαν Cf. Diod. *loc. cit.*; see Habicht (1956: 150) on *agōnes*.
